

# *A Defesa Nacional*



Neste número :

- **A Estratégia Revolucionária no quadro mundial** (Ten-Cel José de Sá Martins)
- **Dialética Marxista — Psicologia Russa — Povo Russo** (Ten-Cel Mário de Assis Nogueira)
- **Um guia para o jovem oficial** (Cel Paulo Enéas Ferreira da Silva)
- **Reflexões sobre o combatente brasileiro na Itália** (Ten-Cel Mario O'Reilly)
- **Estudo de Situação na Guerra Revolucionária**

# COOPERATIVA MILITAR EDITORA E DE CULTURA INTELECTUAL "A DEFESA NACIONAL"

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(Eleito para o exercício de 1961/1963)

### DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente — Gen Altair Franco Ferreira

Diretor-Secretário — Tenente-Coronel José de Sá Martins

Diretor-Gerente — Tenente-Coronel João Capistrano Martins Ribeiro

### CONSELHEIROS

General Armando Batista Gonçalves

Tenente-Coronel Hugo de Andrade Abreu

### CONSELHO FISCAL

(Eleito para o exercício de 1962)

### MEMBROS EFETIVOS

Coronel Adailton Sampaio Pirassununga

Tenente-Coronel Ivan de Souza Mendes

Tenente-Coronel Luiz de Alencar Araripe

### SUPLENTES

Tenente-Coronel Danilo Darcy de Sá Cunha Mello

Major Eduardo Nobrega

Major José Murilo Beuren Ramalho

Publicidade — Gen R/1 AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

A DEFESA NACIONAL, por força da alta do custo do papel e dos serviços de que necessita, foi obrigada a AUMENTAR O PREÇO DA ASSINATURA.

Veja o novo preço na página 1, ao lado, e regularize o seu pagamento.

# A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano  
L

Rio de Janeiro, GB — Janeiro de 1963

Número  
581

As idéias e opiniões dos artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores.

A publicação dos mesmos não significa nenhuma solidariedade por parte da Revista.

E permitida a reprodução total ou parcial dos artigos originais publicados em nossas páginas, desde que citada a fonte.

Aceita-se intercâmbio.

## PREÇOS

Assinatura anual:

Brasil ..... Cr\$ 600,00  
(Desconto em fólio autorizado, mensal: Cr\$ 50,00).  
Exterior .. Cr\$ 2.000,00  
(Registro e via aérea comportam acréscimos).

Número avulso:

Mês ..... Cr\$ 80,00  
Atrasado ... Cr\$ 100,00

## ENDERECO

Ministério da Guerra  
(Ala R. Visc. da Gávea,  
3º and.)

Caixa Postal: 17 (do MG)  
Tel. 43-0563

Rio de Janeiro, GB  
Brasil

## SUMÁRIO

Págs.

— A Estratégia Revolucionária no Quadro Mundial — Ten-Cel José de Sá Martins .....	3
— Dialética Marxista — Psicologia Russa — O Povo Russo — Ten-Cel Mário de Assis Nogueira .....	15
— Um Guia Para o Jovem Oficial — Cel Paulo Enéas Ferreira da Silva .....	23
— Reflexões Sobre o Combatente Brasileiro na Itália — Ten-Cel Mario O'Reilly .....	33
— O Retrato do Coronel Ricardo Franco e a Análise Psicognômica e Grafológica de sua Personalidade — Gen Silveira de Mello ..	39
— Nossas Unidades — 2º GA 75 Cav .....	48
— Estudo de Situação na Guerra Revolucionária .....	51
— Uma Companhia de Fuzileiros numa Operação Aerotransportada (Transcrição) .....	65

# BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S. A.

## CHEQUES DE VIAGEM

Onde quer que o militar chegue, poderá pagar tudo — praticamente tudo!!!

Como?

Com Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais.

Lojas, hotéis e empresas de transporte aceitarão seus Cheques de Viagem como papel-moeda.

Qualquer agência do BANCO troca-os por dinheiro, sem qualquer despesa. Não há taxas nem comissões.

Resultado — Você viaja com "dinheiro no bolso"... mas dinheiro que não pode ser roubado, pois só vale com sua assinatura.

# A ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA NO QUADRO MUNDIAL

Ten-Cel JOSÉ DE SÁ MARTINS  
Oficial de EM

## 1. Introdução

Falar da estratégia revolucionária no quadro mundial é tratar da estratégia que a União Soviética segue para conquistar o domínio do mundo.

A União Soviética é, em realidade, um Estado imperialista; o seu programa de expansão conta com a colaboração dos Partidos Comunistas de todos os países.

Todo triunfo da União Soviética é triunfo do comunismo internacional; toda vitória do comunismo internacional também o é da União Soviética.

## 2. As causas

A atual estratégia seguida pela URSS leva em conta vários fatores, e é produto, basicamente, de duas causas que se conjugam harmoniosamente para o mesmo fim.

No pan-eslavismo está a primeira dessas causas; é muito antiga a aspiração de domínio do mundo por parte dos povos eslavos.

A história nos mostra como Moscou, desde há muitos anos busca expandir seus domínios e sua influência.

A Europa Ocidental foi sempre o grande objetivo consignado nos planos dos homens do Kremlin. As dificuldades do aproveitamento da continuidade territorial, sugeriram o desdobramento via mar Mediterrâneo. A Turquia foi o grande obstáculo encontrado desde o início.

Mais tarde os eslavos resolveram mudar as suas direções de atuação. Orientaram-se então sobre a Ásia, pensando em depois atingir o continente africano.

A ação sobre a Ásia e África visava a destruição do domínio colonial dos países europeus. Com isso esperava a Rússia afetar a economia daqueles países, levá-los ao debacle nesse terreno, e então submetê-los à sua vontade.

---

**Nota da Redação** — Palestra pronunciada no Estágio de "Noções básicas de Guerra Revolucionária e Anticomunismo", realizado no EME.

A distância a que nos encontramos do continente asiático, e as dificuldades de comunicações, ainda hoje existentes, com muitas das suas partes, fazem com que sejam para nós, em geral, pouco conhecidos os tumultos que ali têm ocorrido, desde o início da ação russa. Por isso, ignoramos, que no século passado, o Tibete teve dificuldades resultantes da ação da Rússia Tzarista.

A conquista da Índia sempre pareceu ao Kremlin muito importante para a consecução dos seus objetivos.

A outra causa da atual estratégia soviética está no caráter da revolução russa de 1917.

Apesar da nossa oposição ao comunismo, pelos seus aspectos materialistas e ditatoriais, devemos reconhecer que a revolução russa de 1917 representa um marco na história da humanidade. Ela tem termos de comparação com aquela que levou à guilhotina a realeza da França, e nos legou os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Aconteceu na Rússia, por força da concorrência naquele país de fatores que, sem dúvida, a explicaram, e talvez justificaram, da mesma forma que a revolução francesa foi francesa porque encontrou na França solo propício para sua germinação.

A ilação que queremos tirar, do paralelo entre as duas grandes revoluções, refere-se à presença do conteúdo ideológico, e à formação de ditaduras de opressão, aspectos comuns nas duas.

Esses fatores, o conteúdo ideológico e a ditadura, implicam em necessidade de defesa interna e externa da revolução.

O General Dumouriez a princípio protegeu as fronteiras da França de dentro do seu território. Depois as cruzou, num gesto apresentado como simbólico, para criar, em torno da França, uma "zona de segurança", não com a anexação de territórios, dizia-se, mas com o estabelecimento de um cinturão de Estados amigos e independentes. E a Convenção francesa declarava estar disposta a, em nome da fraternidade, "dar socorro a todos os povos que desejasse liberdade". Sabemos como a França acabou por impor governantes.

Como a francesa, a revolução russa tinha de ser defendida com o terror internamente, com a defesa das fronteiras do país além delas se necessário e possível. Afinal, a filosofia que a inspirara também não era de fácil aceitação. Por isso, tropas francesas, inglesas e norte-americanas, e outras, invadiram a Rússia para ajudar os "russos brancos" na contra-revolução. O cansaço da guerra, e a debacle dos "russos brancos", fizeram com que elas se retirassesem. Mais claro ficou para os novos dirigentes russos, a necessidade da criação de sua "zona de segurança".

As liberdades já existentes na Europa, e os meios de comunicações mais desenvolvidos, explicam porque, ao contrário da revolução francesa, tinha a russa adeptos em todos os países, os quais acolheram e cooperaram com os agentes de Moscou, vindos para, pelo menos, criar um clima que assegurasse a Lenine o tempo de que necessitava para consolidar o novo regime.

Vale registrar que, uma vez no poder, passaram os comunistas a agir exatamente ao contrário do que tinham pregado. Falaram no direito dos povos em disporem de si mesmos, mas se opuseram, decididamente, à ação de forças centrífugas do sentimento nacionalista dos povos que pretendiam se despregar da velha Rússia. Por isso, a União Soviética ficou praticamente com as mesmas fronteiras da Rússia Tsarista, não tendo conseguido manter sob seus domínios os Estados bálticos, a Polônia e outras áreas, o que tentara.

Progressivamente, foi a União Soviética retomando o sentido expansionista que caracterizava a Rússia dos Tsares.

Até 1931 lia-se na Pequena Encyclopédia Soviética a respeito de guerras coloniais: "As campanhas do exército russo no Cáucaso, na Ásia Central e no Extremo-Oriente pertencem ao tipo de guerras coloniais". Esse conceito foi retirado a partir desse ano.

Existem muitas razões que justificam a afirmativa feita pelo Primeiro-Ministro do Ceilão, na Conferência dos povos afro-asiáticos em Bandoeng, a 21 de abril de 1955, quando disse que surgira no mundo um novo tipo de colonialismo: o colonialismo soviético.

É de se admitir, que a idéia da propagação do comunismo foi encarada com carinho pelos povos eslavos, no seu sonho de dominação do mundo.

### 3. As bases

Discutidas, embora de modo muito sumário, as causas do sentido expansionista soviético, vejamos, ainda dentro do mesmo critério, os principais fatores que a estratégia de Moscou leva em consideração.

Reunimos êsses fatores em dois grupos, um de caráter geográfico e outro psico-social.

No primeiro grupo poderemos buscar teorias geopolíticas, e logo nos ocorrem a do "coração do mundo" e do valor do Poder Marítimo. Essa lembrança se justifica, pela consideração de que "o coração do mundo" está situado dentro dos limites da União Soviética, e o Poder Marítimo, de que ela não dispõe, parece ter provado, em todos os tempos, o seu significado.

Tenhamos em conta que as terras da URSS são realmente ricas, sobretudo em recursos minerais, o que não ocorre com a maioria dos países do Ocidente. Os recursos minerais desses são em geral limitados, e por isso, carecem eles da necessidade de obtê-los em outras áreas, geralmente sujeitas a outras soberanias.

Assim é, por exemplo, o caso do petróleo. É do Oriente-Médio que sai o ouro-negro que atende o grosso da demanda da Europa Central e das Américas.

Daí, fácil é compreender o significado de certas áreas do globo terrestre, como é o caso do Oriente-Médio, e de determinadas regiões de passagem, tais como os canais de Suez e Panamá, Gibraltar, a ligação entre o mar Índico e o Pacífico, e a linha Bósforo-mar de Marmara-Dardanelos.

A êsses fatores de ordem geográfica, é lícito adicionar observação de que os progressos técnico-científicos reduziram as distâncias, pela ampliação do alcance das armas balísticas.

No grupo psico-social, devemos em primeiro plano alinhar o cansaço de uma geração atingida por duas guerras mundiais, seja porque as viveu, seja porque delas recebeu o saldo negativo de recordações ou dificuldades de vida que geraram. Como corolário, devemos adicionar o terror da destruição criado pela descoberta e constante aperfeiçoamento das armas nucleares. O resultado é um generalizado anseio de paz por parte de todos os homens.

A êsse grupo, pertencem as aspirações de liberdade, e desenvolvimento que vêm acionando todos os povos, em todas as partes do mundo. O alastramento da guerra por todos os quadrantes, as idéias em nome das quais se sofreu e lutou, o contato dos povos, e os progressos da tecnologia, constituem as causas determinantes do surgimento em intensidade daquelas aspirações.

Dai as explosões de nacionalismo e revoltas anticoloniais, em força e intensidade nunca vistas.

Parece desnecessário dar ênfase a que, êsses fatores do grupo psico-social são perfeitamente naturais e justos.

É adequado e oportuno, incluirmos entre as bases da atual estratégia revolucionária no quadro mundial, um comentário sobre a 2<sup>a</sup> grande guerra. Isso porque, foi ela que rompeu barreiras que limitavam, ou dificultavam, a ação expansionista soviética, e o seu resultado, para essa ação, precisou direções, intensidade de esforços a desenvolver, e armas a explorar.

Este comentário, não pode deixar de consignar o papel que a Alemanha tem desempenhado nos destinos do comunismo internacional.

Marx e Engels eram alemães. Os alemães incentivaram a revolução russa de 1917, para debilitar os exércitos tsaristas, chegando, inclusive, a proporcionar facilidades a Lenine para que êle entrasse no território russo.

Se a 1<sup>a</sup> grande guerra acelerou o processo revolucionário russo, a 2<sup>a</sup> colaborou decisivamente para o espraiamento pelo mundo da doutrina comunista.

É interessante registrar, que êsse segundo conflito foi gerado pelo desenvolvimento na Alemanha do nacional-socialismo de Hitler, doutrina que impediu a comunização daquele país, o que todos sabemos teve muitas possibilidades de ocorrer antes do nazismo tomar o poder. É curioso constatar que, por seus objetivos anticomunistas, recebeu o fascismo germânico apoio de vários países que temiam a implantação do comunismo no centro da Europa, e êsses mesmos países acabaram por se unir à União Soviética para destruir a Alemanha hitlerista.

Todos lembramos como Berlim sonhou com o domínio do mundo. Ficaram famosas as suas 5<sup>a</sup> colunas, os partidos fascistas espalhados por todos os países.

Era uma doutrina, totalitária como a comunista, a serviço de uma aspiração de hegemonia.

Recordemos o Pacto de Não-agressão entre a Alemanha e a URSS, e o acôrdo entre elas sôbre a divisão da Polônia. Assim procedendo, estaremos sentindo uma convivência comunista com o desencadeamento da tragédia que iria enlutar todo o mundo.

Esses fatos, e outros mais, têm permitido a impressão de que houve realmente influências do Kremlin atuando no processo que determinou o 2º conflito mundial.

O nazismo se infiltrava perigosamente nas áreas populares em que o comunismo atuava; êste, já razoavelmente consolidado na União Soviética, precisava de um fato nôvo para se expandir mais vigorosamente. Nada melhor do que a Europa levada ao caos.

Vale lembrar que, em 1931, a Escola Lenine de Guerra Política proclamava: "O nosso êxito virá dentro de 20 ou 30 anos. Lançaremos então o mais espetacular movimento de paz que jamais existiu. Haverá facilidades surpreendentes e concessões inesperadas. Os países capitalistas, estúpidos e decadentes, irão cooperar prazerosamente para a sua própria ruína".

— Será que os fatos posteriores apenas representam mera coincidência?

Quando os alemães e seus aliados depuseram as armas, viu o mundo o quanto havia o comunismo se expandido durante os anos de guerra.

Sob o aspecto territorial, tinha a União Soviética recuperado praticamente, as mesmas fronteiras da Rússia Tzarista. E o comunismo se implantava na China, e naqueles países por onde tinham passado os exércitos vermelhos.

A União Soviética, tornara-se conhecida de todo o mundo, e prestigiada, quando não glorificada.

Tinha ela criado uma razoável "zona de segurança", um cinturão de Estados amigos e "independentes", o qual porém, face ao desenvolvimento das ciências e técnicas, muito em breve se mostraria ainda insuficiente para a sua proteção.

Mas, se a União Soviética se projetara, se saía da guerra como uma grande potência, temida e respeitada, também os Estados Unidos da América do Norte — o arsenal das democracias, o esteio da vitória contra o fascismo — alastrara pelo mundo a sua influência, e emergia dos anos de luta prestigiado e fortalecido. E êle, os EUA, a nação que melhor mostrava a assimilação dos princípios da revolução francesa, deixava bem claro sua aversão ao sistema soviético, e sua disposição em não permitir ao seu antigo aliado, continuasse a subjugar povos e impor-lhes a doutrina por que se regia.

#### 4. A estratégia soviética

Os elementos até aqui alinhados, numa recordação de fatos, fenômenos e idéias, acreditamos possibilitem o estabelecimento, pelo menos nas suas grandes linhas, da estratégia da União Soviética para conquista do mundo.

Consideremos que após a 2<sup>a</sup> grande guerra, defrontou-se a URSS com uma situação ímpar para a concretização dos seus intentos.

As condições dos países da Europa Ocidental eram propícias à disseminação das idéias comunistas, e aos golpes de minorias explorando dificuldades das massas.

Os EUA tal perceberam, e através do Plano Marshall promoveram a reabilitação econômica da Europa Ocidental, inclusive da Alemanha, como base para recuperação política, social e cultural das nações daquela área.

O Plano Marshall foi, sem dúvida, uma barreira às intenções imediatas de Moscou.

É ainda sob a égide dos Estados Unidos, que iria surgir a Organização do Tratado do Atlântico Norte, seguida pela OTASE e pelo Pacto de Bagdá, hoje CENTO, como uma barreira basicamente militar, a qualquer pretensão da União Soviética de se expandir pela força.

O primeiro esquema soviético de após-guerra, para conquistar a Europa Ocidental, e mais se espalhar pelo mundo, tinha falhado. Natural portanto que as linhas da sua estratégia sofressem uma revisão. Tornou-se então mais aplicável a definição de estratégia criada por Lenine: "A mais perfeita estratégia de guerra é adiar as operações até que a desintegração moral do inimigo torne possível e fácil a aplicação do golpe mortal". Afinal, eles os soviéticos, de há muito tinham aceito a tese de que "a paz é a continuação da guerra". E Moscou compreendia que a União Soviética, como base da revolução mundial, não deve se arriscar temerariamente.

Daí por diante, procurou a URSS evitar o engajamento direto, preferindo acionar seus aliados e simpatizantes, poupano inclusive seus recursos militares.

Por outro lado, tornou-se mais constante em todos os raciocínios, esquemas e planos soviéticos, a necessidade de destruição dos Estados Unidos da América do Norte.

O Embaixador Manoel Pio Corrêa Junior, em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra, em 1960, dizia que "o objetivo permanente do expansionismo soviético, pode ser definido em poucas palavras: é o isolamento diplomático, estratégico e econômico dos Estados Unidos".

Necessário tornou-se portanto a incompatibilização dos EUA com o resto do mundo, e a preparação psicológica do próprio povo soviético, e seus aliados, contra os norte-americanos.

Essa idéia está perfeitamente comprovada, em todos os movimentos de opinião e propaganda que têm sido lançados pela União Soviética, e pelos comunistas.

Como exemplo, tomemos o Programa do Partido Comunista da União Soviética, aprovado pelo 22º Congresso desse Partido, a 31 de outubro de 1961. Ele responsabiliza o capitalismo por todos os males da humanidade, afirma que o imperialismo é etapa superior do capitalismo, e diz: "O centro econômico, e com ele o centro político e militar do imperialismo, se deslocou da Europa para os Estados Unidos". Depois, há uma série infinidável de acusações aos EUA, referências inúmeras ao "capitalismo monopolista norte-americano", aos "blocos militares agressivos criados pelos EUA" etc., e, dentre muitas outras, esta afirmação visando ainda aos EUA: "O baluarte principal do colonialismo contemporâneo é o imperialismo dos Estados Unidos".

Esses conceitos estão inseridos no mesmo documento que diz: "A coexistência pacífica dos Estados socialistas e capitalistas é uma necessidade objetiva do desenvolvimento da sociedade humana". Mas, é o próprio Programa em foco que mostra que a coexistência pacífica, tão fala por Kruschev, não passa de propaganda para iludir o mundo, pois

todo êle é uma pregação em prol da destruição do capitalismo, para o que, convoca os povos à revolução e oferece o apoio da União Soviética.

A estratégia da URSS está em choque com a concepção da coexistência pacífica que prega. Nessa concepção, diz ela no Programa já citado: "A coexistência pacífica pressupõe: a renúncia à guerra como meio de resolver litígios entre os Estados e sua solução mediante negociações; igualdade, compreensão e confiança entre os Estados, na consideração de interesses mútuos; não ingerência em assuntos internos, reconhecimento a cada povo do direito de resolver independentemente todas as questões do seu país; rigoroso respeito à soberania e à integridade territorial de todos os países; desenvolvimento da colaboração econômica e cultural no mesmo nível de igualdade e proveito mútuo".

Se a propaganda tem sido a grande arma da estratégia comunista, outras ações têm sido pela União Soviética desenvolvidas e que têm provado ser de valor. Queremos nos referir àqueles processos de atração de nações para a órbita da União Soviética, com o afastamento consequente da esfera de influência norte-americana. Dentre êles vale dar ênfase às cooperações técnicas, econômicas e culturais, as quais possibilitem toda sorte de infiltrações e interferências na vida das nações que as aceitam.

Por outro lado, a exploração do terror de uma nova guerra, agora com a ameaça das armas de destruição em massa, gerou em muitos povos a procura de uma posição equidistante entre os blocos que ameaçam se chocar.

É verdade que o aumento de nações realmente neutras poderia desestimular ambições guerreiras, mas não menos verdade é que às nações vinculadas a Moscou faltam possibilidades de enveredar por uma linha neutralista. Assim, a disseminação da idéia da neutralidade só tem contribuído para reduzir o número de nações aliadas ao Ocidente. Lógico é portanto que a União Soviética procure aumentar o número de membros da chamada "terceira força".

Merece um destaque a exploração de sentimentos de nacionalismo pela estratégia soviética. Essa tem sido uma das suas grandes armas, embora, sobre nacionalismo, encontremos os seguintes trechos no Programa do PCUS, objeto de citações anteriores: "A principal arma política e ideológica de que se valem a reação internacional e os restos das forças reacionárias internas para lutar contra a unidade dos países socialistas, é o nacionalismo". "Os comunistas estimam, que seu dever primordial é educar os trabalhadores no espírito do internacionalismo e do patriotismo socialista, e da intransigência face a qualquer manifestação de nacionalismo e chauvinismo".

É evidente que essas idéias dizem respeito aos povos subjugados. Nêles o nacionalismo é um crime. Mas, o nacionalismo dos povos que

podem de qualquer modo ajudar o Ocidente, precisa ser exacerbado, tornado agressivo e hostil ao estrangeiro... do Ocidente. Como exemplo, disso, tomemos os seguintes trechos: "O movimento de libertação dos povos que acabam de despertar, é produzido, em muitos países, debaixo da bandeira do nacionalismo". "Os marxistas-leninistas distinguem o nacionalismo das nações oprimidas do nacionalismo das nações opressoras. O nacionalismo da nação oprimida possui um conteúdo democrático geral, voltado contra a opressão e os comunistas o apóiam, considerando-o historicamente justificado como uma etapa concreta".

O apoio de Moscou, ao nacionalismo dos povos não submetidos ainda ao seu domínio, está intimamente ligado ao problema dos recursos de que necessitam as Democracias, e que se acham espalhados em mãos de várias nações. Do 6º Congresso do Komitern, em 1928, saiu uma Diretriz, que ainda está em vigor, para os comunistas de todos os países. Essa diretriz bem esclarece a idéia. "Se queremos acelerar o fim do capitalismo, se queremos fazer aproximar, no tempo, esta última síntese, a vitória na luta final, notemos que a máquina capitalista não se nutre, apenas, no proletariado operário, mas também com matérias-primas. Ora, às matérias-primas estão espalhadas em todo o globo terrestre. Um levante geral dos povos, privará o Ocidente capitalista de matérias-primas e de mercados consumidores dos seus produtos, e levará os países burgueses ao caos econômico, e o operariado à revolução social".

Discutindo, como estamos fazendo, a estratégia soviética, sempre em termos sumários, parece oportuno agora a materialização, no espaço, das direções de atuação dessa estratégia, e dos seus objetivos intermediários.

"Nesse terreno, não há nenhum mistério nos propósitos comunistas. Os fatos são claros e evidentes, quando não, seria o bastante ler suas proclamações", diz o Professor Pacheco e Silva da Universidade d: São Paulo. S.S., em trabalho que o nosso Mensário de Cultura Militar publicou — "A guerra subversiva em marcha" — apresenta uma concepção estratégica que Mao-Tse-Tung esboçou em 1953, a qual reza o seguinte: "Conquistar ou neutralizar primeiro a Ásia, o que nos dará acesso ao Oceano Índico e ao Mediterrâneo, depois a África, o que nos levará ao Atlântico e tornará a Europa e o Oeste indefensáveis. Em seguida liquidar totalmente a Europa, ou então visar a América do Sul. Uma vez esta dominada, a América do Norte estará à nossa mercê, e a chantagem nuclear será certamente suficiente para dominá-la.

O Programa do PC da União Soviética, a que temos nos referido, com insistência cita a Ásia, África e América Latina como "áreas que precisam ser libertadas para se desenvolverem e resolverem seus problemas". O mesmo Programa recomenda, que com os países desses continentes, "deve a URSS fortalecer suas relações de amizade fraternal, e estreita cooperação, em prol, inclusive, da consolidação da independência dos mesmos".

Tudo perfeitamente claro, a manobra estratégica é bem ampla e visa desorganizar o Ocidente, cortando-o de suas fontes de recursos e mercados.

A concepção de Mao-Tse-Tung é de 1953, o que parece explicar o "seja-seja" entre a Europa e a América Latina. O Programa do PCUS, de 1961, não dá ênfase à Europa. A razão está, e isso é importante, na observação de que parece estão falhando os planos comunistas para abater a Europa pelo processo econômico, através a liquidação das suas colônias. A velha Europa, está anulando o esquema comunista pela instituição do Mercado Comum. Não é sem razão que os comunistas tanto o combatem, e agora procuram o mesmo caminho com a criação do COMECON.

O Mercado Comum Europeu está atraindo os países africanos, absorvendo seus produtos básicos de forma que a União Soviética não tem conseguido. Ao mesmo tempo, a união econômica da Europa, facilita a enfrentar o comunismo pelos países que se juntaram. Ainda mais, o Mercado Comum Europeu parece dará margem à concretização do sonho de muitos, a unidade política da Europa, o que ainda melhor armará a Europa para fazer face à União Soviética. Afinal esta terá que fazer face a um todo, e não a cada uma das partes, de certo modo isoladas.

O Mercado Comum Europeu poderá causar prejuízos ao Brasil, se não agirmos com inteligência, em relação a ele e também à América Latina e à própria África. Mas, vale enaltecer-lo pela derrota que está infligindo aos comunistas.

O Mercado Comum deve, sem dúvida, ser o responsável pela revisão dos planos da União Soviética, que alteraram a prioridade da ação prevista para a América Latina. A URSS sente que o tempo já não é tão amigo, se é que não está passando a conspirar contra os seus propósitos.

Grandes oportunidades de comunicar países no Oriente-Médio foram perdidas, se bem que que algumas mais por questão de conveniência. Trata-se agora de, em jôgo de risco calculado, ameaçar diretamente, de perto, o arsenal do mundo livre, aumentando o calor da guerra-fria, ganhando posições à retaguarda da Europa e ficando em condições de neutralizar o Atlântico.

Dai o lance largo, o ativamento dos comunistas da América Latina, apesar das suas muitas provas de incapacidade e fraqueza.

Dai o porque de aceitar e apoiar cerrado a definição marxista de Cuba, uma vanguarda tão distante do grosso.

Agora é necessário, urgentemente, ter outras vanguardas na larga frente latino-americana, para forçar o inimigo a se cobrir em espaços amplos, disseminando forças. Melhor dizendo, trata-se de ampliar o es-

paço, a fim de mais desgastar aquelas fôrças, atenções e nervos que ora se voltam para Berlim, ora para o sudeste da Ásia, ora para o Caribe, ora para Formosa, ora para o Oriente-Médio, ora para a África, tudo de inesperado, sem dar possibilidades de previsões, e que só se torna possível para uma mentalidade agressiva, disposta a não perder a iniciativa, e que também conta com o recurso de 5<sup>a</sup> colunas.

Acreditamos ter abordado, não só os aspectos principais, mas ainda caracterizado, no presente, o sentido da orientação da estratégia soviética para a conquista do mundo.

Resta-nos agora, uma referência, que julgamos necessária, embora em poucas palavras, à contribuição favorável que a estratégia soviética tem recebido dos próprios adversários do comunismo internacional.

Queremos nos referir aos erros que de qualquer sorte têm sido por êsses cometido. Já não nos referimos, embora tenham sido desastrosos, àqueles cometidos durante a 2<sup>a</sup> grande guerra, quando tantas concessões foram feitas à União Soviética, aos comunistas em geral, em prol da destruição do fascismo. Pensamos, devemos salientar, aquêles que, felizmente — anotamos com satisfação — estão se reduzindo, e que são produto de âmbições, egoísmos, e insensibilidades ante justos anseios dos homens ou de povos. Não há porque ocultar verdades.

A obstinação de algumas nações do mundo ocidental, na conservação das suas colônias e dos privilégios que gozam em terras de outros povos, constituem causas de facilidades para a pregação do comunismo ou inclinações para a órbita soviética.

##### 5. Palavras finais

A revolução russa de 1917 representa, realmente, um marco na história da humanidade.

As suas consequências vêm aos poucos mostrando aos homens o que os seus erros podem lhes acarretar. Por isso procuram êles agora, dentro do sistema democrático — o que é necessário e possível — ir ao encontro das suas próprias aspirações realizando-os.

Essa compreensão, embora com grande atraso, vem aos poucos corrigindo erros, e reduzindo a aceleração de que o comunismo ficou dotado, em todo o mundo, após a 2<sup>a</sup> guerra mundial.

A União Soviética isso tem percebido; não escapa aos seus dirigentes a perda de substância de que está ameaçada a grande arma que têm em mãos, para a realização das suas aspirações de domínio do mundo.

Por outro lado já sentimos, que a grande característica com que o comunismo vinha se apresentando, a sua unidade monolítica, começa a dar sinais de enfraquecimento. Já tivemos, há tempos, o impasse de Moscou com a Iugoslávia; recentemente vimos seu rompimento com a

pequenina Albânia. E temos a China, dispensando a proteção do Kremlin, buscando criar pela sua própria ação a sua "zona de segurança", discordando da interpretação soviética de pontos da doutrina marxista-leninista, e revelando um incontido desejo de comandar a revolução mundial do proletariado, disputando à União Soviética a posição por ela almejada de hegemonia sobre o mundo.

Tudo isso nos parece sintomático. Consideramos mais que a cooperação soviética com outros países não tem produzido, para êsses, os resultados que esperavam conseguir em curto prazo. Certo isso pode ser explicado, tendo-se em conta as condições dêsses países e as características das suas gentes. Mas certo é também que em muitos dêles existem sintomas de impaciência e certo desencanto com as promessas soviéticas.

O resultado da concorrência dêsses fatores, é a necessidade que se apresenta para a União Soviética de acelerar a execução da sua estratégia. Essa aceleração pressupõe a intensificação das ações dos comunistas locais, agora com mais apoio de Moscou.

Devemos pois estar atentos, para nos opormos à ação imperialista da União Soviética, que em nosso país está sendo intensificada, já que é o Brasil um dos grandes objetivos para ela, pelo que representa na América Latina.

---

#### NORMAS SÔBRE COLABORAÇÕES

- 1) Os trabalhos devem ser datilografados em um só lado de papel, espaço duplo, e assinados.
- 2) Os gráficos, croquis e outros desenhos que devam acompanhar o texto devem ser feitos a tinta nanquim e conter indicações que os identifiquem com aquêle.
- 3) As traduções e quaisquer trabalhos baseados em outras publicações devem indicar as fontes de onde foram extraídos, bem como, quando fôr o caso, declaração de estar o colaborador autorizado ao aproveitamento dos mesmos.
- 4) A Revista não restitui originais de colaborações enviadas, quer sejam elas aproveitadas para publicação ou não. Também se exime de qualquer justificação sobre o seu não aproveitamento.
- 5) Os artigos a serem publicados por partes, em diferentes números da Revista, só terão suas publicações iniciadas depois de estarem completos em poder da Redação.
- 6) As colaborações devem ser enviadas ao Diretor-Secretário.

# DIALÉTICA MARXISTA — PSICOLOGIA RUSSA — O POVO RUSSO

Ten-Cel MARIO DE ASSIS NOGUEIRA  
Oficial de EM

## I — DIALÉTICA MARXISTA

### 1. Dialética

Dialética é a arte de argumentar, de expor e discutir, quer em temas ideológicos, teológicos, históricos, políticos ou em quaisquer outros.

Este termo é usado, por certos analistas sociais, atualmente, como antinomia a empirismo, a conhecimentos práticos, a bom senso; tem largo emprêgo na conceituação do evolucionismo, em oposição ao conservadorismo, principalmente, ideológico.

### 2. História

A dialética, na sua concepção lata, é antiga: vem de Platão (427-347 "A.C."). Passou por Plotino (205-270), neoplatonista e, muito depois, por Kant (1724-1804), e Hegel (1770-1831), professor de Marx (1818-1883).

É uma forma de raciocínio, onde figuram três idéias: Tese, elemento em prevalência no momento considerado, Antítese, seu oponente e Síntese, produto purificado do choque daqueles dois e futura Tese.

Hegel, filósofo alemão, adaptou essa dialética, concluindo pela existência da divindade como somatório e fonte da humanidade, da razão do espírito: era idealista.

### 3. Marx

Karl Marx, filósofo alemão, aluno de Hegel, adotou a forma de raciocínio que o mestre lhe ensinou, introduzindo, nela, a base materialista que adquiriu com Feuerbach (1804-1872). Além dessa base materialista, Marx adquiriu, desse filósofo, a noção da alienação-submissão do homem ao Deus, que ele cria, como um mito de justiça, Beleza e Bondade — ampliando-a ao Estado e à Economia.

Para essa ampliação ao Campo Social, Marx se inspirou nos trabalhos de Proudhon (1809-1865); isso lhe permitiu lançar-se nas argumentações sociológicas, criando o que veio a chamar-se, depois, a dialética marxista. Esta dialética é, portanto, uma compilação de conceituações de vários filósofos e é hoje, apregoada por ter tido êxito uma revolução, chefiada por leitores do "Capital" de Marx: Lenin, Plechanof, Martof.

Em resumo, na dialética marxista, há três elementos: Argumentação, de Hegel; extensão ao campo social, de Proudhon, embora negado o niilismo; base materialista, de Feuerbach.

Com êsses elementos, Marx adaptou a dialética aos fenômenos, políticos e econômicos. Fêz um estudo retrospectivo da História da Humanidade e enquadrou os diversos estágios da Civilização, na evolução da História, considerando sempre cada estágio um dos elementos da sua dialética: Tese, Antítese, Síntese.

Assim, da Tese, Escravidão fase do domínio das grandes cidades teria surgido, segundo Marx, o Feudalismo, dando como síntese o Capitalismo, que veio a tornar-se, por sua vez, nova Tese. Como sua antieconomia, surge o Socialismo Marxista, com a Revolução Russa de 1917. Do choque dêste com aquêle, surgirá o Comunismo, Pleno, quando a Rússia alcançar a hegemonia mundial. Aí estaremos no verdadeiro paraíso terrestre, onde não haverá fronteiras, nem guerras ou revoluções e tôdas terão de tudo, sem cobiças, nem desavenças.

Marx afirmou que as revoluções são as locomotivas da história e que só por meio destas, a humanidade progride. No seu entender, o Comunismo Pleno será obtido com uma Revolução geral, o que pode ser entendido como uma conceituação do fatalismo das guerras, no estágio pré-comunista.

Ao estágio atual do Socialismo Marxista da Rússia, China e Cuba — verdadeira ditadura de classes — os marxistas denominam de "Científico".

Mas, os cientistas, em geral, ocidentais ou orientais, são acordes em admitir como princípio geral que qualquer fenômeno, para ser considerado científico, exige comprovação estatística e, até hoje, nenhum fato sociológico, marxista, foi mensurado e comprovado matemáticamente.

Devemos admitir entretanto, que a dialética marxista permanece como um método investigante dos fenômenos sociais, políticos e econômicos e, ao mesmo tempo, como uma concepção filosófica do mundo, embora um método parcial, preparado e aceito por sofistas ou por falsos eruditos, para concluir, especificamente pela excelência do marxismo. A difusão das irretorquíveis verdades dessa doutrina fá-la-ia aceita e imposta em todo o globo terrestre, qualquer que fosse a reação dos conservadores: suposição de Marx, há mais de um século e continua a ser a dos marxistas atuais.

A suposição de Marx está falhando completamente: o culto povo europeu a conhece muito bem; a Alemanha Ocidental, que operou o milagre alemão, com a democracia, a conhece de sobejão e lá está a "Muralha da Vergonha", como um obstáculo intransponível aos fugitivos do paraíso comunista. Cuba volta ao estágio da Escravidão com a venda de prisioneiros.

## Conclusão

Dialética marxista não subentende evolução: Marx é de 1813 e o "status" psico-social, inspirador da sua dialética, é da metade do século passado. Se o comunismo deve ser enquadrado como estágio na História da Humanidade, em geral, o é como inicial e não o será nunca como final, embora, para tanto, se esfalfem os marxistas do mundo inteiro.

## II — PSICOLOGIA RUSSA

*No idioma Russo, sentido e sentimento se traduzem pela mesma palavra: TCHUVSTVO. Essa univocidade facilita a concepção filosófica materialista.*

Toda as concepções psico-sociais dos marxistas têm base na Psicofisiologia Pauloviana dos Reflexos Condicionados.

O criador dessa teoria, o psicólogo russo J. P. Paulov, estudou as reações apresentadas por animais, que submeteu a constantes e uniformes tratamentos, excitadores e ativadores dos seus órgãos e glândulas.

Paulov verificou que, após algum tempo, os animais estão "condicionados", isto é, agem, automaticamente, como resposta inconsciente, aos estímulos acionadores dos seus sentidos. Paulov obteve grande sucesso, habituando cães a ver uma lâmpada acender-se, imediatamente antes, de receber o seu alimento. Provou que, mais tarde, o simples acendimento de uma lâmpada provocava, nos órgãos degestivos dos animais, os fenômenos fisiológicos idênticos aos que proporciona a visão do alimento. Essa observação serviu de base à Psicofisiologia russa.

Os compêndios de Psicologia, editados atualmente em Moscou, ensinam que a Psicofisiologia estabelecida por Paulov está ultrapassada, porque a nova escola soviética é dinâmica, progressista, calcada na idéia da purificação constante dos elementos químicos, componentes da matéria, enquanto que o ilustre cientista estudou os atos humanos em caráter estático.

Entretanto, afirmam os russos, — Rudik, Psicologia, 1955, Moscou — a base da verdadeira Psicologia reside ainda naqueles fundamentos científicos de Paulov: "O estudo materialista de J. P. Paulov, sobre as leis das mais elevadas atividades nervosas, firma-se como a base científico-natural, sem a compreensão da qual não é possível, nem um entendimento regular, nem o estudo proveitoso dos processos psíquicos".

Este autor escreve, com todas as letras, mais adiante, essa interessante asserção, que equivale à mensuração do traço de uma personalidade confundida pelo "condicionamento": "Na base metodológica da Psicologia, como em toda e qualquer outra ciência, está a filosofia marxista".

Isso é comparável na filosofia dualista: "Todo saber provém de Deus".

Rudik, repetido por outro psicólogo, N. D. Levitov, nas "Questões de Psicologia do Caráter" — 1952, Moscou —, procurando justificar o postulado de Marx — "o homem é totalidade de relações sociais" — escreveu:

"A compreensão regular dos processos psíquicos e do desenvolvimento normal da personalidade do homem, só se torna possível na base do condicionamento social do ser humano, como essência social."

Quadra repetirmos aqui, com Woodworth, que o "condicionamento" só foi confirmado, integralmente, nas experiências práticas, em animais e crianças em idades inferiores a cinco anos e ainda: "Conseqüentemente, a resposta condicionada, não é segura", só podemos explicar como laudatória, a asserção de Rudik: "Mente é a própria matéria, na sua mais alta organização — cérebro — como reflexo subjetivo do mundo objetivo". "A variação dos atos humanos é decorrente da dosagem dos elementos químicos, componentes da matéria; quanto mais puros e evoluídos os elementos, mais sublimes êsses atos".

Essa conceituação nos levaria a admitir que, em nossa mente, nada mais se passaria do que meras transformações químicas, matéria reagindo sobre matéria, funcionando a sede dos sentidos como um conjugado de mecanismos dispostos e predispostos para emitir uma resposta imediata, reflexa, independente de laboração intelectiva, mecânica, padronizada.

A aceitação do postulado marxista — o homem é totalidade de relações sociais — significaria abstrair-se do ser humano o fator sentimento e enquadrá-lo na categoria dos animais inferiores.

Ademais é preciso atentar bem para o fato de que os exames de laboratório têm infirmado a divergência entre componentes do cérebro humano.

O cérebro de Marx continha os mesmos elementos, com as suas mesmas percentagens, tal e qual se encontram nos pacientes de nosocomios, divergindo entre si os indivíduos no "quantum" da matéria, que correlaciona muito pouco, ou mesmo nada, com o Quociente de Inteligência (\*).

Em verdade, a concepção psicológica russa atual se enquadra na escola behaviorista implícita, com entendimentos de fenômenos sujeitos às limitações dos métodos experimentais do "estímulo-resposta".

Toda essa conceituação é admitida sem repugnância pelos soviéticos, em parte, pelo fato de inexistir na língua russa, o termo "sentimento", cuja falta é sanada com o emprego de outra palavra que significa "sentido": tchuvstvo.

Essa indistinção facilita aos marxistas a aceitação — para nós repugnante — do "estímulo-resposta", negação integral da Ética e da

(\*) A causa da divergência, entre êsses quocientes, ainda não pode ser, convenientemente, explicada pela Psicologia Ocidental e muito mais dificilmente, pela Psicofisiologia com seus padrões.

Moral, ciências de fundo tipicamente de sentimento, decorrência dos nossos "mores" e "folkways" (acervos de hábitos, crenças, idéias, tradições transmitidos pelos ascendentes).

### Conclusão

Pode-se asseverar, sem preocupação de êrro: Na Rússia, os dirigentes assentam as conclusões; os cientistas descobrem as premissas para confirmação. As Psicologias russas escrevem: "Na base de qualquer ciência está a filosofia marxista".

Para os russos, divindade é expressa por seis letras: KPSSSR = Partido Comunista da União Soviética.

## III — O POVO RUSSO

*LIBERDADE ? ...*

*Não : SIVOBÓDA (\*)*

*São coisas diversas.*

A personalidade média de um habitante da Rússia é conseqüência do cruzamento das mais variadas raças que se miscigenaram naquele imenso território europeu.

A história russa remonta ao século IX da nossa era, quando aquela terra feraz era povoadas por tribos nômades que se localizavam, principalmente, nos vales do Dnieper e do Dniester.

Os gregos, das praias marítimas, subindo ao longo dos rios, ocuparam suas nascentes e expulsaram, dali aquelas tribos ou a ela se fundiram.

Escandinavos do Noroeste e, depois, filandeses do Norte, afluíram aos imensos planaltos a Oeste dos Urais e ali também, procuraram se fixar, em lutas constantes pela posse da região, com os nativos e ávidos do sul. O predominio, entretanto, coube aos Citas, que ocuparam a região por muitos anos.

Posteriormente, ocorreu uma invasão mais dominadora e prevalente que a daqueles — dos Tártaros. Estes escravizaram os povos do centro da Rússia por mais de dois séculos (1224 a 1500).

Ocorreu, nesse chamado primeiro período, uma série de tumultos que foram sufocados pela mão de ferro de Ivã, o Terrível, gerado naquela tirania e despota por excelênciia. Com êle, iniciou-se o ciclo dos Tzares absolutos e dominadores.

Em 1672, Pedro o Grande, embora mais humano, iniciou seu governo, sacrificando, como exemplo, a isolamento, sua própria irmã.

(\*) Liberdade, em língua Russa.

Daí por diante, o governo passa às mãos, sempre dos Tzares mais, ou, às vezes, menos humanos, até 1917, quando a maior escravização por que é também do espírito, se abateu sobre o tão sacrificado povo russo.

Em resumo: sobre o povo da Rússia, têm pesado, sem interrupção, há mais de um milênio, sucessivas e algumas desumanas ditaduras: de chefes de clã, de imperadores, de militares, de tzares e finalmente, hoje, a mais temida e odiosa, por despersonalizadora, a ditadura de classe.

É natural, portanto, que a esse povo a palavra liberdade não soe como a ouvimos e a entendemos, nós os ocidentais, do Brasil.

Para entendimento, mais real, da personalidade de um homem típico da União Soviética, relacionamos, a seguir, os traços mais encontradiços nos indivíduos daquela raça, tal como se nos apresentam nas ruas das grandes cidades soviéticas.

- Submissão — elevada;
- Introversão — pronunciada;
- Interro — agressividade: pronunciada (desenvolvida, em parte, pela autocritica);
- Extero — agressividade: reprimida;
- Depressão: pronunciada;
- Sugestionabilidade: elevada;
- Emotividade: dominada;
- Afetividade: controlada.

Pode-se asseverar, sem dúvida, a personalidade do homem russo é profundamente influenciada pela sua sujeição ao regime que vigora na União Soviética, onde nada se faz sem a aquiescência do partido comunista.

### 3. Divergências entre as personalidades médias, russa e brasileira

As raças eslava e latina apresentam características muito próprias, com visíveis divergências caracterológicas entre seus indivíduos.

O traço introversão-extroversão situa-se entre os que mais caracterizam a distinção da personalidade de um brasileiro para a de um russo, típicos. De um modo geral, o indivíduo do Brasil é mais extrovertido, ao contrário do russo, que tende para a introversão.

A extroversão brasileira está naturalmente ligada à sua grande emotividade e sensibilidade.

Os agitadores comunistas procuram explorar essa característica latina e buscam impressionar as classes menos cultas, aproveitando todos os aspectos sentimentais de grande repercussão, para explorar no interesse próprio o fato emocional.

O traço submissão-dominância é, também, outra característica da divergência entre as duas raças. O espírito de independência, herdado do índio, criou no brasileiro a repulsa a qualquer tentativa de escravidão. A Insurreição Pernambucana é exemplo típico desse traço, que tem dificuldade aos marxistas, a politização de brasileiros.

Essa evidência se torna marcante quando o partido comunista determina a seus adeptos tarefas além do trabalho profissional. A aceitação se faz, com relutância, entre os marxistas brasileiros, enquanto na Rússia, é comum os operários "oferecerem" uma hora extra de serviço ao partido.

Lá, o trabalhador, portador de alto índice de subordinação, não reage aos chefes instituídos.

O pavor à célebre Tcheca (antiga polícia secreta russa), que nunca será esquecida pelos russos foragidos, inculcou naquela gente a preocupação de silenciar sempre. O russo é esquivo, temeroso, reservado e triste, sempre preocupado com a possibilidade de perseguição, mesmo após ter saído da Rússia.

No Exército Vermelho, o castigo físico era norma geral, antes da última guerra e não está de todo abolido.

#### 4. Conclusão

É difícil, senão impossível, uma revolução dentro da Rússia.

O povo brasileiro poderá ser surpreendido com a implantação de uma ditadura comunista, mas dificilmente a ela se submeterá por muito tempo, sem uma violenta reação.

#### 5. Apreciação final

A forma de governo, que vige na União Soviética, pode ter dado bons frutos, especificamente, para a raça que habita aquêle imenso país. Pode ainda continuar a produzir e será de bem que o faça.

Mas, para nós, brasileiros, aquêle regime só poderá ser nefasto, porque violenta tudo o que temos de mais caro — A LIBERDADE, COMO A ENTENDEMOS, até no modo de criar nossos filhos.

Os brasileiros que desejam aquêle regime e o conhecem, só o querem como DIRIGENTES, porque, como DIRIGIDOS, eles preferem a nossa bem brasileira democracia, a CUJAS LEIS RECORREM, SEMPRE QUE SÃO COMBATIDOS — e quando o são — com ARMAS E MÉTODOS MUITO MAIS HUMANOS DOS QUE OS QUE COSTUMAM USAR.

#### PRAÇAS E OFICIAIS MAIS MOÇOS!

ISTO FOI ESCRITO PARA VOCÊS, de quem dependerá, em última instância, a decisão entre a DEMOCRACIA BRASILEIRA e o COMUNISMO RUSSO.

PENSEM E ESCOLHAM, enquanto Deus lhes permite a faculdade de escolher.

#### BIBLIOGRAFIA

N. D. Levitov — Questões de Psicologia do Caráter, Moscou — 1952.

P. A. Rudik — Psicologia, Moscou — 1955.

Sérgio Marinho — Aspectos de Sociologia — Rio, 1958.

Robert Woodworth e Donald G. Marquis — Psychology, New York, 1953 (Tradução de Lavínia C. Raymond).

S. F. Platonov — Manual de História Russa — Buenos Ayres (em língua Russa) — 1945.

# BANCO NOROESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

FUNDADO EM 1923

OITENTA AGÊNCIAS A SERVIÇO DO BRASIL!!!

Matriz — Rua Álvares Penteado, 216 — São Paulo

## ----- A GÊNCIAS -----

**NA CIDADE DE SÃO PAULO:** Alto da Mooca, Ana Rosa, Augusta, Aurora, Barão de Limeira, Bom Retiro, Ipiranga, Jabaquara, Major Sertório, Marechal Deodoro, Nova Conceição, Paula Souza, Rangel Pessotana, Rubino de Oliveira, Santo Amaro, Sete de Abril e Tatuapé.

**NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:** Agudos, Andradina, Araçatuba, Bauru, Birigui, Bonfim (Campinas), Campinas, Catanduva, Cedral, Garça, Getulina, Guararapes, Guarulhos, Jundiaí, Lins, Mairília, Mirandópolis, Mirassol, Monte Aprazível, Neves Paulista, Oswaldo Cruz, Panápolis, Pirajuí, Promissão, Rudge Ramos, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Carlos, São José dos Campos, São José do Rio Preto, Sorocaba, Tupã, Uru-pês, Utinga e Valparaíso.

**NO ESTADO DO PARANÁ:** Andirá, Apucarana, Arapongas, Assaí, Astorga, Bandeirantes, Bela Vista do Paraíso, Cambé, Cianorte, Cornélio Procópio, Curitiba, Ibiporã, Jaguapitã, Jandaia do Sul, Londrina, Mandaguacu, Mandaguari, Marialva, Maringá, Nova Esperança, Paranaguá, Paranavaí, Rolândia, Santo Antônio da Platina, Sertanópolis e Umuarama.

**NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:** Central — Rua 7 de Setembro, 43 e Copacabana — Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 836.

# UM GUIA PARA O JOVEM OFICIAL

Coronel PAULO ENÉAS FERREIRA DA SILVA  
Oficial de EM.

## SUMARIO

1. Introdução
2. O sentido de nossa carreira
3. Responsabilidades e privilégios
4. Normas de conduta
5. O trato com o povo
6. Conheça sua missão
7. Conheça seus homens
8. Escrever e falar
9. A arte de instruir
10. Punir e recompensar
11. CONCLUSÕES

### 1. Introdução

A experiência de mais de trinta anos de serviço, prestados ao Exército, passando pela tropa, pelas Escolas de Oficiais e pelos Estados-Maiores, deu-nos uma base segura para podermos apresentar aos jovens oficiais, por isso menos experientes, algumas observações à guisa de orientação ou de guia para conduta na carreira. Essa cooperação nada tem de doutrinária. Visa apenas a destacar aspectos da vida militar, nas relações dos oficiais com a tropa e com o povo, de onde provêm. Certos ângulos têm muito de pessoal, embora as normas aqui apresentadas possam servir de guia a quem interpretá-las no mesmo sentido de quem as redigiu. Desejamos, sinceramente, que este nosso esforço seja compreendido e que possa ser útil. Estaremos, assim, recompensados.

### 2. O sentido de nossa carreira

Quando somos declarados oficial assumimos um compromisso público e formal, de defendermos a Pátria mesmo com o sacrifício da própria vida. Um juramento feito à sombra da bandeira, símbolo sagrado. O sentido, pois, de nossa carreira muito tem de sacerdócio, que exige sabedoria, diligência e convicção patriótica.

Tal compromisso não difere do mais alto posto para o de simples aspirante. Não é maior nem menor. É sempre o mesmo, variando apenas o grau de responsabilidade decorrente.

Não há no país outro grupo social cujas obrigações para com a Pátria sejam tão bem definidas. Só por isso os demais concidadãos nos devem especial respeito. E a estima de que gozamos decorre naturalmente dêsse respeito.

Muitas vezes sofremos críticas. Algumas delas justas e fundamentadas. Cabe ao oficial o dever e o direito de examiná-las, sem paixão, para então discernir das razões que as motivaram. Quando chamado a opinar, deve fazê-lo sem rodeios e com sinceridade, demonstrando sempre equilíbrio no julgamento. Esta forma de agir desperta a confiança e enaltece.

### 3. Responsabilidades e privilégios

É comum ouvirmos nas Fôrças Armadas, e fora delas, que os grandes privilégios geram responsabilidades e que estas justificam aquêles. Em parte isso é verdadeiro. As responsabilidades nos são afetas, ao passo que os privilégios nós os conquistamos pelas prerrogativas inerentes aos nossos postos e funções.

A principal responsabilidade do oficial, sobretudo se em funções de comando, é zelar pelos seus homens. A violação dêste princípio, seja porque o oficial se esquece dêles, seja porque trata-os com menosprêzo, seja ainda porque ostenta orgulho desmedido, resulta em fracassos mais graves do que em outras falhas. A lealdade do subordinado decorre dêsse senso de responsabilidade do superior.

É ainda uma responsabilidade peculiar ao oficial o apresentar-se sempre com dignidade no trajar-se, civil ou militarmente; nas suas atitudes; no modo de falar e de escrever. O exemplo que pode oferecer, seja de retidão, seja de imperfeição, é cuidadosamente observado e seguido fatalmente por aquêles sob suas ordens.

Uma das responsabilidades mais presentes no oficial e, via de regra, muito descuidada, é a de zelar pelo cumprimento das ordens. Freqüentemente, ou por comodidade, ou por fraqueza, ou ainda por negligência, deixam os oficiais de zelar pelo cumprimento de ordens, algumas vezes expedidas por êles mesmo. Uns fazem vista grossa para os erros de seus subordinados, pretendendo assim passar por "bons moços", procurando conquistar destarte a simpatia. Enganam-se redondamente. Estão cavando uma trincheira cada vez mais funda entre superior e subordinados. É necessário não confundir bondade com fraqueza. A tolerância no trato é uma condição favorável ao exercício do comando. Jamais se deve abusar.

A solidariedade é outra grande responsabilidade do oficial. O seu exercício se faz sempre nos três sentidos: para cima, para os lados e para baixo.

### 4. Normas de conduta

A cortesia e o respeito mútuo são elementos essenciais e indispensáveis a qualquer organização. Não constituem privilégio dos militares. É questão de educação, trazida do berço.

Nas organizações militares elas são aprimoradas. O subordinado deve respeito ao superior. Na hierarquia, esse fenômeno é reflexo. A continência é um privilégio muito antigo dos militares. Traduz o reconhecimento espontâneo da camaradagem numa profissão honrosa. É uma demonstração ao mesmo tempo de cortesia, de respeito e de disciplina. O oficial deve pautar sua conduta na obediência exata desse preceito militar.

Não é apenas na vida militar que cabe ao oficial zelar pela sua conduta. Com mais cuidado ainda quando nas relações da vida civil. Suas atitudes, palavras e gestos devem pautar-se pela moderação e discreção. Nós, os militares, somos permanentemente observados e julgados no meio em que vivemos. Não é sóbre o indivíduo que recaem as acusações. Elas se dirigem contra a instituição. Nas grandes cidades, em que a criatura humana se difunde na massa de seus habitantes, certos hábitos já aceitos, ou tolerados, não constituem mal maior. Ao contrário, nas cidades do interior, em que o oficial se oferece ao julgamento público com mais facilidade, há que tomar certos cuidados. Os mais comuns são os relativos à sua apresentação externa, fardado ou não.

Os jovens de hoje, acostumados à vida nas capitais, onde assimilam hábitos julgados modernos, quando chegam às guarnições do interior, muitas vezes se esquecem desta situação toda particular. Se não encontram colegas mais experientes e que lhes dêem aviso do modo de proceder, ou se seus comandantes se esquecem de alertá-los, freqüentemente cometem erros, fáceis de evitar.

Quando saem da Academia recebem manuais ou guias que lhes dizem como se conduzir na vida militar, e fora dela. São ótimos conselhos. Mas não basta. É preciso que encontrem chefes ou companheiros à altura de dizer-lhes o que está certo ou errado. Aquelas recomendações teóricas são uma boa base.

Nossa experiência permite-nos recordar, com tristeza, certos colegas de turma, ou de outras, que se desgarraram por completo, via de regra por que não tiveram, no início da profissão, um chefe ou um amigo que lhes dissesse, com sinceridade e franqueza, o lado falho da conduta.

A norma de conduta do oficial, seja qual for o seu posto, deve pautar nos bons exemplos. Só êstes constroem.

##### 5. O trato com o povo

Numa publicação distribuída aos elementos da Guarda Costeira dos Estados Unidos da América, estão catalogados treze dos principais erros cometidos mais comumente pelos militares no trato com o povo e seus camaradas. Vale a pena enumerá-los e ver quanta sabedoria encerram.

Vejamos:

"É um erro:

- 1 — Alguém tentar definir, por si só, o conceito do que está certo ou errado.
- 2 — Medir o prazer alheio pelo seu.

- 3 — Admitir que tôdas as opiniões possam ser iguais.
- 4 — Querer beneficiar-se da inexperiência.
- 5 — Pretender nivelar tôdas as coisas.
- 6 — Desprezar os pormenores.
- 7 — Admitir que só seus atos são perfeitos.
- 8 — Aborrecer-se, e aos outros, com o que pode ser remediado.
- 9 — Deixar de ajudar alguém, onde, quando e como puder.
- 10 — Considerar impossível aquilo que não pôde fazer.
- 11 — Confiar apenas na própria imaginação.
- 12 — Desprezar as fraquezas alheias.
- 13 — Julgar apenas pelas aparências.

Alguns dos erros acima apontados são como os sinais mostrados na tela do radar, avisando do perigo. São evidentes por si mesmos. Outros revelam alta sabedoria e a incidência nêles implica sempre em pesadas sanções.

São freqüentes em nossa vida militar as transferências de uma guarnição para outra. Faz parte da carreira. Pois é justamente nessas ocasiões que o jovem oficial se vê face a problemas novos, ligados à sua pessoa e as de seus companheiros de classe, subordinados inclusive. São problemas de nova orientação, novas relações, novos encargos, etc., nem sempre parecidos sequer com os vividos anteriormente, em outras guarnições. A obediência cuidadosa àqueles 13 princípios, dar-lhes-á mais segurança.

#### 6. Conheça sua missão

Em uma de suas mensagens pouco conhecidas, ROBERT STEVENSON traça com fidelidade o perfil de um homem que havia falhado em tudo, precisamente por não ter sabido cumprir a sua missão.

Dizia STEVENSON: "A sua carreira foi uma grande decepção; entretanto, fôra honesta. Jamais destratou seus subordinados. Não obstante, fôra dispensado de vários cargos. Não se tendo interessado pelas suas obrigações, sua atenção desviara-se para outros objetivos. Cada um de seus dias de trabalho consistiu num amontoado de inutilidades. De um lugar para outro, arrastou consigo a pecha de INCOMPETENTE".

Hoje em dia ninguém dirá que esse retrato esteja ultrapassado. O julgamento depende necessariamente da capacidade de julgar.

Nas Fôrças Armadas comumente se diz: "Não podemos prosseguir com fulano; mas também nós podemos fazê-lo sem élé". Com isso, inconscientemente, entregamos a palma àqueles que, cheios de deficiências, nos excedem no cumprimento dos deveres.

Nossa tarefa, nas Fôrças Armadas, é complexa, árdua e variada. Requer estudo, compreensão e vontade de acertar.

Para o jovem oficial, exige grande dose de sacrifício. De temperamento volátil, inflama-se facilmente. Seus impulsos conduzem-no freqüentemente a excessos. Só o bom senso poderá moderá-lo.

A missão do tenente parece muito simples. Na verdade o é se considerarmos sua posição na escala hierárquica. Mas, mesmo assim, deve ser bem compreendida.

O tenente tem sob suas ordens um grupo de homens voltados sempre para sua pessoa. Nem todo saber se encontra nos livros. E uma coisa deve ser dita: o tenente é um NOVIÇO.

A sabedoria nasce quando se comprehende que a ignorância não é uma vergonha. Vergonhoso é o homem estacionar em seus conhecimentos ao invés de cultivá-los cada vez mais.

Seria ideal que o jovem oficial pudesse fazer tudo aquilo que exige de seus subordinados. Há mesmo situações em que isso se impõe. E os homens passam a considerá-lo capaz de comandar em qualquer emergência.

Não se deve deduzir daí que o oficial seja um enciclopédico. A distinção reside na diferença entre o SABER FAZER e o PODER JULGAR se o que se faz está bem feito.

Uma pessoa pode verificar se um livro é bom ou mau, embora não fosse capaz de escrevê-lo. "Quem reside numa casa", dizia ARISTÓTELES, pode ajuizar melhor, se ela é confortável ou não, do que quem a construiu".

A autoridade moral de quem é chefe — e o tenente o é — mesmo de pequeno escalão, repousa também, e necessariamente, na autoridade profissional ou, se quisermos, na capacidade de fazer ou julgar.

## 7. Conheça seus homens

O material de que nos servimos, variado e cada vez mais complexo, só nos presta serviço se bem o conhecermos, isto é, se sabemos utilizá-lo. A ciência e a técnica lançam no mercado diariamente novos produtos, sempre mais complicados. Sua utilização implica no conhecimento perfeito e completo.

Pois bem, se para o material é exigido tal condição, o que dizer de elemento humano? Seu conhecimento transcende aqueles limites. A criatura humana reage de modo bastante diverso, cada tipo oferecendo condições próprias. Um pouco de psicologia e muita observação dão-nos elementos seguros para um bom julgamento. O jovem oficial, sobretudo o tenente, que tem nas mãos um pequeno grupo de homens, deve e pode conhecê-lo a fundo. O trato diário dá-lhe essas possibilidades.

Conhecer seus homens não é apenas saber seus nomes e funções. É algo mais. É indagar de seus problemas, mesmo os íntimos, que merecem um cuidado especial. É saber das possibilidades e limitações de

cada um para, no momento oportuno, poder exigir uma tarefa compatível. Para isso, o jovem oficial não pode abstrair-se de sua gente, limitando-se apenas à instrução profissional.

O trato mais de perto não importa, é óbvio, na intimidade perniciosa, que gera desajustes perigosos. O respeito recíproco é necessário e imperioso. Liberdade, sim, mas respeitosa.

O alto grau de especialização das modernas organizações militares está a exigir de cada um de seus membros alto senso de iniciativa. Não obstante, o trabalho de equipe prevalece. O sucesso depende do cuidado com que se desenvolvem as habilidades individuais, levadas ao máximo de correção. É preciso, portanto, que os chefes conheçam a fundo seus homens. Estes, por sua vez, devem confiar naqueles.

#### 8. Escrever e falar

Em igualdade de condições, o oficial que persevera nos estudos, aprimorando seu intelecto, distancia-se logo daquele que desprezou os livros e fica na mediocridade. Um momento de reflexão nos dirá porque a arte de bem falar e escrever sempre constituiu fator de êxito na vida dos grandes chefes militares.

Na vida militar a ação de comando se faz sentir através da palavra oral e escrita. Já se foi o tempo em que até os generais davam suas ordens diretamente a seu soldados, no campo de batalha. Na verdade, na última grande guerra ainda houve fatos dessa ordem. O Gen Patton, de parte dos norte-americanos e o Gen Rommel, do lado alemão, gostavam de dar suas ordens pela fonia, situando-se para isso nos primeiros carros de combate. A natureza das operações e, sobretudo, a dos engenhos de guerra — os tanques — faziam com que não se utilizasse o estilo clássico de ordens escritas, preparadas com antecedência pelos estados-maiores. Estes, via de regra, ratificavam-nas em seguida, para o arquivo das campanhas. O culto à palavra, oral e escrita, independe do escalão de comando considerado. De tenente ao general, todos têm obrigação de falar e escrever bem para que possam ser entendidos sem dificuldades pelos seus subordinados.

O jovem oficial, ardoroso e impulsivo, muitas vezes confunde o "descer" até seus homens com o uso da gíria por êles adotada. Cuidado, pode chegar à intimidade prejudicial ao seu prestígio de chefe. A banalidade é perniciosa. Mas não se volte ao outro extremo, usando termos e frases empoladas, cujo entendimento foge ao soldado. Seja simples e preciso. A linguagem deve ser para o auditório, como diz a pedagogia.

Transcreveremos agora umas regras práticas, muito úteis a quem deseja cometer o mínimo de erros no falar e escrever:

- 1 — Quanto mais simples se diz uma coisa mais efeito produz sobre quem a ouve.
- 2 — Há sempre um modo mais adequado de traduzir o pensamento. Aceitar a primeira solução, por comodismo, ao invés de buscar uma outra, é induzir-se ao êrro.

- 3 — A economia de palavra fortalece a composição.
- 4 — Pense duas vezes antes de usar um simples adjetivo.
- 5 — É preferível usar um advérbio, porque reforça a ação do verbo, ao invés de um adjetivo, que apenas complementa o substantivo.
- 6 — É o verbo que dá força à frase. O lugar em que se coloca tem seu valor. Dá mais ênfase à sentença.
- 7 — Na expressão escrita, sobretudo na vida militar, não cabe a terminologia vaga. O vocabulário militar já contém palavras e expressões que respondem a um significado único, de caráter profissional. O seu uso continuado, vicia a linguagem. Há indivíduos que, mesmo em rodas civis, se expressam da forma por que o fazem nos quartéis.
- 8 — Para maior lucidez e compreensão, deve-se dizer apenas o que se quer, com um mínimo de palavras, sem preocupação de oratória.

Muitas outras observações poderiam ser alinhadas como sugestão contra os vícios de linguagem.

Outro aspecto do problema é o dos nervos. Quantos há que, em rodas amigas, primam pela loquacidade e pelo desembaraço. Postos, entretanto, numa plataforma, ou face a um auditório, por mais singelo que seja, vêem-se inteiramente inibidos. Nervosismo? Falta de hábito? Sim, ambas as coisas. Em geral todos estão sujeitos a tais percalços. Mas podem minorá-los, ou mesmo evitá-los. Basta educarem-se. Falar e escrever é questão de hábito; de persistência. É ferrando que se aprende a ferrar.

O auditório militar é, por natureza, condescendente. O subordinado aceita tacitamente o que o superior lhe diz. Há, por princípio, uma base de respeito. Meio caminho está por isso andado. Resta explorá-lo.

#### 9. A arte de instruir

Instruir é de fato uma arte. Para ser artista não basta conhecer o papel. É necessário também vivê-lo, e bem, para que os resultados sejam satisfatórios. É preciso acreditar no que se está fazendo.

Conventido de sua missão, transmite naturalmente o que deseja a seus subordinados. E demonstra-o claramente. Inversamente, se a rotina o conduz, desperta cedo o desinteresse.

A convicção na missão não deve ser levada ao exagero. A moderação é outra virtude do instrutor.

Há certos assuntos, áridos, que exigem do instrutor grande dose de imaginação. É nesse tema que sua ação se revela mais adequada e pronta, no verdadeiro senso das proporções. Transformar uma coisa árida numa sessão agradável, eis aí a habilidade do instrutor.

Cuidado, tenente, não abuse dos meios auxiliares de instrução. Estes são ajuda e não uma muleta. São MEIOS e não a FINALIDADE do trabalho. Temos visto muitos instrutores, que perdem horas e horas do

preparo exagerado da parte material da sessão e, depois, na utilização dêle, ficam atônicos, perdidos no emaranhado que êles mesmos montaram.

Tenha paciência. Mais vale repetir um assunto, variando a forma de ensiná-lo que exasperar-se em face de uma aprendizagem falha.

Estimule os bons resultados. Apresente-os como incentivo aos demais, destacando os nomes dos autores. Jamais compare para diminuir.

Esteja sempre à altura de sua missão, seja demonstrando conhecer bem o assunto a ministrar, seja executando da melhor forma uma ação comandada, seja afinal, apontando com segurança os erros cometidos.

Use e abuse de um *caderno de notas*. Registre nêle os bons e os maus resultados. Só assim você terá base para julgar com certeza de acertar. Com respeito aos seus homens, não se limite apenas a ter os nomes apontados nesse caderno. Registre outras coisas, mesmo as de caráter pessoal, de família por exemplo. Uma data de aniversário a mão, e lembrada em tempo, dá força à autoridade moral do oficial.

Cuide afinal de sua biblioteca, geral e profissional. Poucos livros, selecionados, valem mais que alguns metros na estante. A ajuda dos mais experimentados lhe será bastante útil. Poupar-lhes-á aquisição de obras sem valor.

#### 10. Punir e recompensar

Punir e recompensar é prerrogativa de todo chefe. É mesmo inerente à sua condição hierárquica. O seu prestígio decorre do uso desse direito.

Fazer justiça é distribuir desigualmente segundo os méritos. A forma cômoda, e muito de uso, de nivelar a todos segundo um padrão comum, querendo destarte agradar a todos, traz como consequência o desestímulo e a desconfiança.

Uma das características mais acentuadas de qualquer oficial é a firmeza com que assume a responsabilidade de seus atos, fazendo-o desassombradamente e com toda lealdade. Jamais poderá conteñer a todos. Mas, se for criterioso, justo, mesmo os pseudo prejudicados reconhecerão suas decisões.

Há sempre para qualquer chefe três tipos de decisão:

- (1) Uma, cômoda, fácil e pronta, de apelar para as normas existentes, geralmente aceitas por tradição ou rotina.
- (2) Outra, também relativamente fácil, e que não importa em empenhar a fundo a sua responsabilidade; é a do sorteio.
- (3) Uma terceira, afinal, via de regra difícil, mas que soluciona bem a questão proposta, em termos de justiça e que exige do chefe alta noção de responsabilidade. É a da fixação de um critério.

Na aplicação das recompensas e punições, o critério com que se distribui justiça é a pedra de toque da estabilidade da organização. A disciplina, o moral, a confiança recíproca, e outras condições, dependem estreitamente do sentimento de justiça prevalente.

Nas pequenas frações sob o comando dos tenentes, em que o trato com o subordinado é direto, permanente e integral, muito facilitada se torna a tarefa do chefe. Uma vez conhecidos seus homens, não será difícil ao oficial julgá-los, nas menores questões.

Antes de passar às mãos do superior imediato uma parte, para que este decida, convém sempre:

- 1 — ouvir pacientemente o subordinado infrator;
- 2 — aconselhá-lo, adverti-lo, prevenindo-o da nova falta;
- 3 — indagar bem das razões que o induziram à falta.

A forma cômoda de "dar parte", desvincilhando-se rapidamente do problema, nem sempre é a melhor solução. Geralmente provoca uma injustiça. E o tenente passa a enfrentar os primeiros sintomas da desconfiança.

Antes de punir ou recompensar faça um exame cuidadoso do mérito da questão. Analise todos os aspectos, positivos e negativos para, em seguida, com mais base, chegar à solução mais justa. É preferível sempre pecar por excesso na segurança do que por falta. Eis um princípio elementar da própria guerra.

Não tenha jamais escrúpulos ou cerimônias em advogar a causa de um subordinado junto a seus superiores. Mas, faça-o sempre com base serena. Nunca apaixonado.

Terminando êste capítulo diríamos: seja justo.

## 11. Conclusões

O presente trabalho, à guisa de normas de conduta para os jovens oficiais, procurou, antes de tudo, traçar alguns rumos necessários à vista dos que começam a longa e árdua carreira das armas. Como guia, apenas, para que serve, não poderia estabelecer padrões de conduta. Estes só são obtidos através uma vivência calcada na prática de hábitos e costumes ditados pelo bom senso e a obediência às exigências da vida em sociedade.

Acreditamos em que, certamente, todos os que norteiam sua iniciação militar nos moldes de uma vida profissional honesta e interessada poderão chegar àqueles padrões ideais, perseguidos tenazmente pelos que acreditam e têm fé na carreira das armas.

Dos aspectos focalizados por nós no texto dêste trabalho, acreditamos serem o pertinente ao sentido de nossa carreira e a arte de punir e recompensar, os que devem merecer dos jovens oficiais mais carinho, de vez que representam para êles a pedra de toque, a parte subjetiva mais destacada para o aprimoramento de suas qualidades profissionais. Sem que se intreire realmente na carreira abraçada e sem que desenvolva o espírito de justiça, hoje em dia muito descurado, não poderá enfileirar-se ao rol dos que desejam ser, de fato, oficiais dignos dêste nome.

Os demais aspectos compõem êsse quadro no qual a vida do oficial se desenrola até os últimos degraus da hierarquia militar.

## SERVINDO AO BRASIL

Desde há muito que os serviços hoteleiros do Rio de Janeiro vêm se ressentindo da falta de um estabelecimento em condições de atender, condignamente, aos passageiros e às tripulações das linhas internacionais que utilizam o Aeroporto do Galeão.

É comum verificarmos que os passageiros internacionais ficam sem as comodidades necessárias tôdas as vezes que um avião atrasa ou que por motivo técnico tenha que demorar no Galeão mais do que o tempo programado.

Procurando neste particular dar ao Rio um hotel à altura de seus visitantes a SOTEL S.A. está construindo, próximo ao Galeão, um hotel que será, dentro de alguns meses, motivo de orgulho da Cidade Maravilhosa.

A idéia surgiu de um velho e eficiente piloto da PANAIR, Comandante LUIZ FERNANDO NÓBREGA CARNEIRO, que pilotando os DC-8 internacionais da empresa deixava no Rio inúmeros passageiros, os quais tinham que viajar de taxi do Galeão a Copacabana para prosseguir viagem horas após.

Pensava o Comandante Carneiro que tal situação tinha, mais dia ou menos dia, de ser solucionada, como foi feito na maioria dos grandes Aeroportos do mundo, ou seja, edificar um grande hotel de luxo nas proximidades do Aeroporto.

Procurando executar suas idéias, o Comandante Carneiro licenciou-se da PANAIR e com o apoio financeiro de dois jovens brasileiros, lidímos representantes da nova geração que em breve guiará os destinos do Brasil, John e Wallace Simonsen, lançou a SOTEL S.A., que teve imediata acolhida do público e do governo.

Hoje, nas proximidades do Galeão, em uma pequena colina de onde se descortina tôda a Baía da Guanabara, possantes traçotes planificam o local onde, em outubro de 1963, será inaugurado o mais suntuoso hotel de Aeroporto da América do Sul.

# REFLEXÕES SÔBRE O COMBATENTE BRASILEIRO NA ITÁLIA

Ten-Cel MARIO O'REILLY  
Oficial de EM

## 1. Introdução

As observações e conclusões aqui apresentadas, sintéticamente, pren-dem-se a um questionário, destinado a uma pesquisa histórica feita por alunos da ECEME. Muitas estão influenciadas pelo Pelotão que coman-dei: 30 homens de muitos Estados do Brasil (exceto Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Sergipe), a maioria de Minas Gerais, pretos e brancos, alguns descendentes diretos de alemães, italianos e poloneses, todos excelentes soldados. Meu sargento auxiliar, um negro, era um dos mais perfeitos representantes do verdadeiro sargento bra-sileiro: enquadrado, porte militar, bem fardado, humano e, acima de tudo, respeitado pelo valor e eficiência ("Silver Star", Cruz de Combate de 1<sup>a</sup> Classe e Medalha de Sangue). Nêles pude sentir a alma e a gran-deza do brasileiro, nêles assentei a estrutura do que tenho concluído sôbre o nosso homem. Tenho, ainda, bem vivos na mente, os exemplos de bravura e desprendimento, bondade e fraternidade, fé e amor à Pá-tria, que constantemente demonstravam.

## 2. Efeito do meio psico-social

a. **O Homem.** Para que se possa compreender o comportamento do combatente brasileiro na Campanha da Itália, mister se torna que apre-ciemos os traços característicos da personalidade básica do homem bra-sileiro, aquêles que o identificam em todos os quadrantes do país. Muito embora àquela época não se notasse ainda o esplendor da grande evo-lução industrial e social do Brasil, emprestando-lhe novos aspectos na personalidade, nêle já se faziam sentir o espírito de tolerância, a im-pulsividade, o amor à liberdade, a alegria natural, a inteligência viva e o sentimento de fraternidade, tudo isto produto em pleno desenvolvi-miento de três grandes raças e culturas: negro, branco e índio. Com estas qualidades, raras vezes obliteradas, vem o brasileiro solucionando de-mocraticamente os grandes momentos de sua evolução social, enquanto outros povos o fizeram, e ainda fazem, em dramática situação.

b. **O Exército Brasileiro.** Apreciado o homem, resta-nos, prosse-gundo na análise do efeito do meio psico-social sôbre o combatente da FEB, estudar o Exército Brasileiro, ambiente onde se enquadrou para a campanha da Itália.

Como qualquer exército, o Exército Brasileiro é definido por seus elementos mais permanentes — seu quadro de oficiais, que lhe em-presta as características básicas. Oriundos de tôdas as camadas sociais

e de todos os cantos do país, independentes de côn, credo ou origem, apenas seleccionados por seu valor físico-mental, constituem os oficiais do Exército Brasileiro, mais do que qualquer outro grupo social, a verdadeira expressão do povo brasileiro, do qual mantém todos os traços fundamentais. Daí, talvez, o trato amigo, paternal mesmo, que dispensam ao soldado de quem recebem idêntica afeição, tudo isto, num clima de liberdade, sem quebra da necessária disciplina. Corroborando esta afirmação, devo recordar as manifestações de viva admiração por parte de italianos, de mais idade, quando nos comparavam a americanos, ingleses, alemães e a si próprios. Somem-se, a elas, idênticas manifestações que ouvimos, oficiais do Btl SUEZ, no Oriente Médio, de observadores de outros países. Pudemos atestar, vez por outra, a nítida separação em tódas as atividades, entre os oficiais e praças americanos, ingleses, canadenses, indianos, egípcios, etc.

### 3. Preparação Psicológica

a. **Do Cidadão.** A preparação psicológica do cidadão para a guerra, quadro de fundo onde se assenta a preparação psicológica do soldado, em verdade, não houve no Brasil. Não vem ao caso, aqui, analisar suas razões e como deveria ser feita.

b. **Do Soldado.** Pouco se pode dizer sobre esta. Afora iniciativa de alguns oficiais, não chegou a haver uma preparação psicológica do combatente brasileiro. Vingar o torpedeamento de navios brasileiros? O ceticismo não lhe permitia aceitar esta técnica psicológica.

Em meu Pelotão, iniciei minha autopreparação: "Há ocasiões em que os povos, como os homens, têm que se definir, sob pena de se desmoralizarem entre os demais. Além do mais, esta era uma oportunidade para mostrarmos a nós mesmos e ao mundo a nossa capacidade". Se era a melhor técnica, não sei; no entanto, ajudou-me na ação de comando. Quero crer que, em linhas gerais, esta foi a impressão que orientou a maioria dos combatentes.

### 4. Comportamento do Combatente

a. O ambiente de liberdade, igualdade e fraternidade, sem quebra da disciplina militar, criado pelo procedimento dos oficiais em relação aos soldados, e as características próprias do nosso homem, são fatores que justificam grande parte do excelente comportamento do nosso combatente nas mais diversas situações de combate. Aqui encontramos as razões da afeição entre superiores e subordinados, do espírito de camaradagem de grupo e de corpo, da disciplina intelectual e do espírito de iniciativa e de sacrifício.

b. As condições precárias da vida civil, somadas às dificuldades de um exército relativamente pobre e mal preparado para a guerra que se desencadeava, propiciaram ao combatente brasileiro um verdadeiro estado de euforia e satisfação ao receber os benefícios do enquadramento no bem suprido e organizado Exército Americano — não tinha o que reclamar. Juntem-se a isto a importância do "liberatori" do povo italiano, com o qual encontrava tanta afinidade, o orgulho de pertencer

a uns poucos representantes da nação brasileira entre muitos estrangeiros, o período relativamente curto fora da pátria e dos lares e as suas próprias características da personalidade, e teremos talvez encontrado as causas do seu excelente moral, nêle que teve tão precária preparação psicológica. E este moral, que lhe outorgava um ar de gigante entre outros gigantes da guerra, foi, sem dúvida, o fator maior que lhe imprimiu coragem, e exaltou-lhe a bravura.

Se apontarmos aqui suas características de tolerância e impulsividade, compreenderemos a facilidade com que ora exibia um **espírito defensivo**, ora um **espírito ofensivo**. Seu valor foi comprovado em declarações diversas de chefes americanos; um número do jornal da 10<sup>a</sup> Divisão de Montanha, logo após o emprêgo daquela famosa divisão ao lado da FEB, fazia referências elogiosas ao nosso combatente, no qual depositava plena confiança. Referências semelhantes foram observadas no "Stars and Stripes", jornal do V Ex americano, a que pertencia a Divisão Brasileira.

c. Desfrumando de condições de vida difíceis, o brasileiro desenvolveu um traço "sui generis" em sua personalidade, qual seja a capacidade de adaptação às situações — problema, que se lhe apresentem. Se lhe acrescentarmos aqui o desembaraço adquirido na vida militar, vamos compreender mais uma vez o **espírito de iniciativa**, que tanto o caracterizou. Entre muitos exemplos, é conhecido o uso da palha do feno, tamancos, jornais, etc., em substituição aos borzeguins, dentro dos galochões. Sem receber ordem, sem tácita combinação, a idéia como que brotou em todo o "front", da noite para o dia, em defesa contra o "pé de trincheira", deixando intrigado o Serviço de Saúde americano, ao constatar a eliminação do mal em nossa tropa, enquanto persistia na sua.

d. A resistência física com que, em geral, dominou as mais diversas situações, quero crer, deve-se ao fato de ter sido bem selecionado (parece-me que, para obter os 3.100 homens do seu efetivo, passaram pelo 11º RI mais de três vezes êste número) e à alimentação dosada que recebeu na Itália. Consta-me, sem poder afirmar ou justificar, que resistiu bem ao rigoroso inverno italiano, dadas as suas reservas naturais de calorfas, próprias do clima tropical e que, a outro inverno, dificilmente resistiria.

e. **Médio.** Possuía, como não podia deixar de ser, o medo instintivo. Mas, os suportes emocionais, tais como a confiança adquirida na experiência, que progressivamente aumentava, o moral excelente e os fatores de sua personalidade básica, anteriormente citados, contribuíram para que êle o dominasse. E, se foi, por vêzes raras, dominado pelo medo, a ponto de causar-lhe o pânico, o foi sob condições fortuitas, desfavoráveis — fatores de tensão fora de seu controle, cansaço físico, escuridão, surpresa, ausência de chefes, inexperiência, má aplicação da doutrina, etc.

Num atestado a estas observações gerais, devo lembrar ter sido o medo instintivo uma das condições que exigiu ao fazer, determinado pelo

Cmt RI, a seleção — entrevista — para a escolha dos homens do meu Pelotão. Assim justifico esta exigência na tarefa de retirar e colocar minas e armadilhas, o medo-instintivo de conservação — se constitui no sinal de alarme constante, face ao arrôjo natural que a confiança gera no combatente capaz e experimentado; e o trato com as minas não permite arrojos... Possuído o medo instintivo, natural, importava em dominá-lo, moralizá-lo, o que se conseguiu pela preparação psicológica e pela eficiência da instrução. Como resultado, o histórico do RI pode atestar que, trabalhando sózinho, junto aos Pel Fzo ou em conjunto no Pel Minas, de dia ou à noite, como era muito comum, debaixo ou não do fogo inimigo, o sapador-mineiro do 11º RI cumpriu soberbamente todas as suas missões. Mesmo as baixas dos companheiros (7 mortos e 4 feridos, inclusive o Cmt) não lhe abateram o ânimo, gerando o pânico; pelo contrário, fortaleceram-no.

f. Enquanto americanos tinham problemas com sua Divisão de negros (abandono sistemático de posições, atestando um complexo de inferioridade), o negro e o mulato brasileiro, longe disso, mantiveram o mesmo comportamento do seu irmão branco, num atestado eloquente de **ausência de diferenças étnicas** entre os nossos combatentes, comprovando a excelência do nosso processo democrático.

g. Considerando a análise anteriormente feita sobre o oficial do Exército Brasileiro, podemos afirmar que, em linhas gerais, ele se destina a ser um líder democrático, facilitando desta forma sua **capacidade de chefia e de liderança**. Esta qualidade, no que pude observar, foi destacada, com raras exceções, nos diversos escalões do RI. Dentro das características da personalidade de cada um, tivemos brilhantes exemplos que a história pode atestar.

Coerentemente com esta liderança democrática, podemos sentir como é fácil conduzir os nossos soldados sob **normas disciplinares moderadas**, mais apropriadas à personalidade do brasileiro.

h. Pelo que pude observar, inclusive nos órgãos não existentes, na época, no Exército Brasileiro (Pel Minas, Pel Obuses, Pel AC, etc.), não houve **reflexos da organização militar e dos processos de combate** no comportamento do combatente brasileiro.

i. Quanto à eficiência em combate, como repercussão do sistema de apoio logístico, vimos anteriormente como se fez ela sentir, ao apreciarmos o problema do moral. O que se pode acrescentar é ter sido o apoio logístico um dos fatores de maior influência nos louros que a FEB conquistou.

j. Muito se tem falado sobre as implicações do **uniforme** no comportamento do combatente brasileiro na Itália. Não que tivesse reduzido sua eficiência, pela inadequabilidade ao clima, pois, até nisto, o apoio logístico americano se fez sentir. Maior foi o desgosto causado pela má apresentação e qualidade. E aqui é de se louvar o esforço do soldado em procurar melhorar o fardamento recebido, num atestado de seu in-

teréssse em bem representar a Pátria. São conhecidos os blusões de lá VO recordados pelas italianas, alguns feitos até de mantas da mesma fazenda.

1. **Religião.** Talvez fosse melhor dizer Fé, realmente Fé. Fé em si mesmo, Fé em seu semelhante, Fé num Ser Supremo Criador.

Fé em si mesmo. Suponho ter sido essa a maior conquista do combatente brasileiro na Itália. A princípio, inexperiente, inconsciente de seu valor; no entanto, à proporção que a campanha se desenvolvia, sentindo as próprias fôrças, comparando-se a combatentes de outras nações, foi o soldado brasileiro inflando com aquela Fé que só os gigantes possuem e para a qual não estava provado ainda. Quero crer que partiu daí esta aura de grandeza, esta força audaciosa que inspira o povo brasileiro, pois foi através do seu representante naquele grande torvelinho de valores humanos que obteve a resposta que buscava: Fé em si mesmo.

Fé em seu semelhante. Juntamente com a Fé em si mesmo e à proporção que o sentimento de fraternidade salientava-se em sua personalidade, o brasileiro na Itália foi compreendendo melhor o seu irmão e passando também a nêle ter Fé.

Fé num Ser Supremo Criador. Foi aqui que o brasileiro mostrou, como é natural e espontâneo, por vêzes místico, em sua Fé numa Fôrça Suprema. Não lhe importavam as religiões; todos se reuniam em torno da Fé comum — a Fé Cristã. Dizem que a proximidade da morte leva o homem a assim proceder. Mas, a verdade é que ajudou o nosso combatente a enfrentar a guerra e dominar o inimigo. Meu Pelotão, ausente apenas os que desempenhavam qualquer missão, tôdas as noites, por sua própria iniciativa, se reunia e, sob a direção de um dêles, elevava suas preces ao Alto. Quero crer que êste ato de Fé tenha ajudado muito àqueles homens a enfrentar com tanta naturalidade a faina difícil de lidar com minas e armadilhas.

### AOS ASSINANTES

Em caso de transferência não deixe de providenciar para que disso tenha a Revista conhecimento.

Se optou pelo pagamento mensal, certifique-se de que o desconto está sendo feito.

## ALTERAÇÃO DE ENDERÉÇO

Em caso de alteração do seu enderêço, *disso dê conhecimento à Revista, com a máxima urgência*, a fim de continuar a recebê-la com regularidade. Para isso faça a sua comunicação diretamente ou através do nosso Representante na sua organização.

### FICHA DE MOVIMENTAÇÃO

(Fíneza preencher a máquina ou com letra legível)

Nome .....

Pôsto .....

Enderêço antigo:

.....

(Organização militar ou residência)

Cidade ..... Estado .....

Nôvo enderêço:

.....

(Organização militar ou residência)

Cidade ..... Estado .....

.....

(Local e data)

.....

(Assinatura)

# O RETRATO DO CORONEL RICARDO FRANCO E A ANÁLISE PSICOGNÔMICA E GRAFOLÓGICA DE SUA PERSONALIDADE

General SILVEIRA DE MELLO

Assim que entrei no estudo da história do Forte de Coimbra e tomei conhecimento da pessoa do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, veio-me a idéia de buscar nas reminiscências, publicações e manuscritos existentes nos arquivos e bibliotecas de Cuiabá e desta Capital, no próprio Forte de Coimbra, e alhures, e, outrossim, de indagar, junto aos descendentes do grande soldado, se havia notícia de algum retrato seu, ou, pelo menos, referência do seu porte físico e de seus traços fisionômicos. Do retrato, em si, nada consegui apurar. Do porte e dos traços físicos algumas referências.

Aconteceu, no entanto, que insistindo eu no assunto por ocasião de nova visita que, em 1954, fiz ao Forte de Coimbra, o seu comandante, Capitão A. H. Osório de Noronha, mostrou-me um retrato a lápis, pendurado a uma parede na sala do comando, tido ali como de Ricardo Franco. Não trazia dizer algum. Para ter um juízo seguro a respeito do desenho, pedi que lhe tirassem a moldura e examinei tudo, retrato e moldura, na face e no reverso. Nenhuma indicação, nenhum dizer. Nem data, nem nome do autor. O pessoal da Secretaria e os antigos arquivistas do Forte não sabiam explicar como, quando e por quem viera parar ali aquêle quadro.

Era, pois, de duvidar da autenticidade do retrato. Assim pensando, fotografei-o, e, voltando ao Rio, passei a consultar os entendidos, de quem se tratava. Não custou muito a resposta. O retrato era do General Emílio Mallet, Patrono da Artilharia. Justificava-se a presença desse quadro no Forte de Coimbra, sede de uma unidade de artilharia, por ser Mallet patrono dessa arma. Nessa qualidade, evidentemente, teria sido levado ou mandado para lá.

Era nada menos que cópia a lápis de uma fotografia de Mallet, tirada por ele em Montevidéu, ao passar ali de volta da campanha do Paraguai. Explicou-me isso detalhadamente o Capitão Pedro Jacinto de Mallet Jobim, tetrâneto do velho cabo-de-guerra, e, para convencer-me, exibiu um álbum de fotografias e os estudos biográficos do avô, em vias de publicação.

O caso foi levado ao conhecimento do General Fernando Távora, comandante da 9ª Região Militar. Este chefe, e também ilustre percrutador da nossa história, mandou proceder a uma sindicância, e, dessa investigação, se veio a apurar que o retrato nada tinha que ver com Ricardo Franco, pois era, em realidade, do General Mallet.

Estas idas e vindas em busca de um retrato autêntico de Ricardo Franco não me fizeram desaninar de vê-lo retratado, o mais fielmente possível, pelos melhores processos de restauração admitidos, após rigoroso estudo de retrospecção histórica. Nessa ordem de idéias, passei a indagar dos seus descendentes, em Mato Grosso e nesta Capital, o de que sabiam a respeito dos traços fisionômicos e do tipo físico do grande morto. Vim a saber, então, que Ricardo Franco tinha olhos azuis, cabelos castanhos e sedosos, traços corretos, comuns aos português de boa cepa, fisionomia serena e acolhedora, compleição robusta (1).

Isto, porém, não bastava para compor um retrato do grande soldado. Era necessário individualizá-lo, traço por traço. Por falta dêsse conjunto de dados positivos, tratei de consegui-los por via de dedução e indução, como se tem procedido com inúmeras pessoas ilustres do passado, nas mesmas condições.

Entrei a colecionar retratos e notícias biográficas de personalidades conhecidas, do presente e do último quartel da era colonial, e, bem assim, o rol de qualidades atribuídas a cada uma. Visitei as seções iconográficas do Museu Histórico e da Biblioteca Nacional. Consultei desenhistas e pintores. Reuni essa bagagem de informações, e, voltando-me para Ricardo Franco, redigi uma síntese dos seus valores morais e psicológicos, selecionados por mim da documentação existente em arquivos e bibliotecas, a seu respeito. Tal síntese traduz o perfil mórhal e psicológico, a que cheguei, do grande soldado:

elevada formação cívica, moral e profissional  
retidão e integridade,  
dedicação e fidelidade ao dever,  
espírito de disciplina,  
acatamento às leis e ordens emanadas de cima,  
devotamento aos chefes, sem mescla de interesse ou quebra de dignidade,  
serena e inquebrantável intrepidez,  
domínio de suas ações,  
discernimento pronto e agilidade de espírito,  
afabilidade no trato,  
generosidade,  
altos dotes de coração.

---

(1) Informações e observações colhidas por mim junto à única bisneta viva, Elisa Amâncio de Almeida Serra, à Idalina Nunes de Almeida Serra, viúva do bisneto Vicente Máximo de Almeida Serra, e aos tetranetos Mario Olímpio de Almeida Serra (o mais versado no conhecimento da família), Maria da Glória de Almeida Serra, Jair Serra, Vicentina de Almeida Serra e outros. Na biografia do Coronel Ricardo Franco, que figura na agenda de publicações da Biblioteca do Exército para o próximo ano, ver-se-ão os pormenores a respeito dos descendentes do grande soldado.



Levei aquêles e êstes elementos ao pintor e desenhista Autran Santana de Oliveira, conversei com ele longamente e pedi-lhe que esboçasse, a título de estudo, um retrato em acôrdo com as informações e com o perfil psicológico que lhe passei às mãos, tendo em linha de conta que a observação e a estatística milenárias admitem a correspondência das qualidades intelectuais e morais com as formas, traços, aspectos e expressões característicos de cada pessoa, justificando assim a harmonia existente entre o subjetivo e o real.

Partindo daqueles elementos e daquelas idéias, visitou Autran a seção de iconografia da Biblioteca Nacional e o Museu Histórico Nacional, e levou algum tempo a refletir, como usam proceder os artistas na concepção de uma obra de arte. Isso feito, pegou da prancheta e do lápis e começou a trabalhar. Depois de vários ensaios, tentativas, confrontos e correções, chegou a um retrato que me pareceu excelente representação de Ricardo Franco aos 58 ou 59 anos de idade. Deu mais uns retoques no desenho e o tirou da prancheta. Estava pronto.

#### A PALAVRA DA PSICOGNOMIA

Para ter confiança de que o desenho correspondia à pessoa do grande soldado, levei-o ao nosso maior técnico em assuntos de psicognomia, o professor Alberto Ribeiro da Cunha. Pedi-lhe que examinasse o retrato e mostrasse a relação entre os traços fisionómicos nêle expressos e os valores psicológicos e morais da pessoa retratada. Fiz mais ainda. Para deixar o técnico à vontade, nada lhe contei da vida de Ricardo Franco, limitando-me a dizer-lhe o nome, o pôsto e o ano de sua morte.

Foi impressionante o resultado dessa investigação. O professor Ribeiro da Cunha tomou o retrato, e, indicando-me um bloco de papel e um lápis, disse-me: — Queira escrever. Passeando então os olhos pelo desenho, me foi ditando, pausadamente, frase por frase, como quem lê dizeres comuns, o seguinte psicograma:

“Instituto Brasileiro de Psychognomia.

“Psicograma do RETRATO de um oficial fardado, que, em 10-12-958, me apresentou o Sr. Gen Silveira de Mello, como sendo do coronel, de nome Ricardo Franco de Almeida Serra, falecido em 21-1-809, para ser analisado em estudo.

“De pronto sobressai a tenacidade que o torna homem de princípios e de todo igual, nas suas atividades e comportamento consigo mesmo e com os demais. Essa tenacidade é ainda governada por sadia elevação de espírito, de vistos e propósitos, a serviço dum caráter e duma fibra autênticos, que o tornam homem de esforço e coerência em tudo, com pessoas e coisas.

“Denota ainda muita precaução e cautelosidade, antecipando-se aos problemas com muita freqüência, inclusive humanos, donde sua capacidade de estrategista nato, notadamente do ponto

de vista psicológico. Sua inteligência se demonstra madura e que só se contenta, quando desce às causas dos problemas, e com senso crítico pronunciado, especialmente a seu próprio respeito, donde a imparcialidade a tôda prova e, decorrente do caráter, o seu apurado senso do dever a qualquer custo, qualquer que seja a circunstância ou vicissitude.

"Manifesta também grande capacidade volitiva e de auto-dominio, sendo por isso homem de disciplina, conscientemente mantida e cultivada, jamais admitindo familiaridade e conservando a mesma linha até com os seus íntimos.

"Um dos pontos altos é a honestidade consciente, que o torna naturalmente anti-individualista, e o volta todo para o bem público, porém de tal modo ordenado, psicológicamente, que embora disponha de grande autoconfiança, procura contar sempre com o auxilio do Alto e até em vida de família age por dever-de-estado, num cumprimento sempre à risca. Há muita vitalidade orgânica e mental, apurada capacidade de trabalho. Defensor acérrimo das qualidades dalmá, muita luta interior, grande mérito, autodidata, equilíbrio e objetividade.

#### A. RIBEIRO DA CUNHA".

O exame do retrato e o ditado não levaram mais de doze minutos, tal a segurança com que o professor Ribeiro da Cunha traduzia os traços do retrato para a linguagem corrente.

Fiquei maravilhado pela presteza da tradução, e, ainda mais, pela identidade do psicograma com as virtudes heróicas de Ricardo Franco.

Ora, bem. Como fugir à lógica dos fatos? Se afinava tão rigorosamente o retrato com os traços morais e psicológicos do grande soldado, é, fora de dúvida, que o retrato correspondia com a pessoa que se quis retratar. Valia por uma prova de identidade. Releia o leitor os capítulos que escrevi sobre o ataque ao Forte de Coimbra, (2) idem sobre a doença e morte do grande soldado (3), e verá que o psicograma traduz os altos predicados morais de Ricardo Franco.

A segurança com que o professor Ribeiro da Cunha ditou o psicograma foi impressionante. Fê-lo sem vacilar numa só palavra. Nada corrigiu. Não emendou nada. Por último, a meu pedido, para documentar o fato, bateu, à máquina, élle mesmo, em papel do seu gabinete, *ipsis litteris*, o que me havia ditado, tal como se vê no *fac-simile* anexo. Exultei de contentamento. O que viera de acontecer não era fruto de um acaso. O retrato dizia, com acerto, da espécie de homem que nêle figu-

(2) Ver HISTÓRIA DO FORTÉ DE COIMBRA, do a., II volume, capítulos que tratam do ataque a êsse velho baluarte em 16-24 de setembro de 1801. E, também, em UM HOMEM DO DEVER, em vias de publicação pela Biblioteca do Exército.

(3) Idem, III volume da HISTÓRIA DO FORTÉ DE COIMBRA, e UM HOMEM DO DEVER, capítulos sobre a doença e morte do Coronel Ricardo Franco.

rava. Por que não aceitá-lo então como de Ricardo Franco, se iôra ele mesmo e não outro o objeto e o motivo do retrato?

De resto, nenhuma surpresa havia no psicograma quanto aos atributos morais de Ricardo Franco. O psicograma nada mais fizera do que revelar o perfil psicológico da pessoa retratada, tal qual uma película fotográfica ao sair do banho. Ricardo Franco foi na realidade um homem invulgar. Surpreende, isto sim, que êsses altos valores fôssem manifestados pelos traços de um retrato que a intuição de um artista, servido apenas de elementos informativos, chegara a fixar num desenho.

Repto. Quem poderá negar estreita correspondência, ou perfeita similitude entre o retrato e a pessoa do grande soldado? No que concerne, pois, ao retrato, convenhamos nisto: êle representa a contento o que foi realmente Ricardo Franco. Não se pode exigir mais. Portanto, esse retrato deve ser reconhecido e aceito, para todos os efeitos, como o retrato do grande soldado.

Quanto ao perfil moral traduzido pelo psicograma, é indubitável que êle afina perfeitamente com os predicados reais de Ricardo Franco. Todavia, para fins de levar ao extremo o rigor da investigação, eu quis ir mais longe. E, nesse propósito, lancei-me em busca de uma contraprova, de gênero diferente, no sentido de vê-los confirmados por outro processo de análise.

A resposta a esta nova indagação fui buscá-la nos autógrafos do grande soldado existentes no "Arquivo Histórico" de Cuiabá, como se verá a seguir:

#### EXAME GRAFOLÓGICO

"Resumo da análise grafo-psicológica do Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra.

**INTELIGÊNCIA** — dos tipos conceptual e espacial. Imaginação: livre e panorâmica, sem perder a noção dos detalhes. Raciocínio: RARO (*fara do comum*), indutivo e dedutivo, predominando o primeiro. Arte: natural, não limitada, formas revolucionárias para a época.

"Volição — dominando suas inclinações. Persistente e autoritário. Refletindo para agir. Jeitoso quanto aos subordinados, mandando sem desgostá-los. Disciplinado, chegando mesmo a violentar-se.

"Sensibilidade — frio ante as dôres físicas; emotivo quanto às sentimentais, portanto, capaz de se apaixonar.

"CARACTERES MORAIS — franqueza sem rudeza. Educador nato. Simplicidade consciente. Independência moral, limitada pela disciplina consciente.



INSTITUTO BRASILEIRO DE PSYCHOGNOMIA  
PARA A INTEGRAL REALIZAÇÃO DO HOMEM  
FUNDADA

Declarado de Utilidade Pública pelo Decreto Federal n.º 30.391 de 15-1-1952.

INSTITUIÇÃO: Av. Rio Branco, 181 - 16º andar (Ed. Cinel) - dos 14 às 19 hs. das terças - Fone: 22-6112  
EDUCANDÁRIO: Rua Coelho Neto, 21 (Flamengo) - o dia todo e toda dia - Fone: 45-2036  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Psicograma

do RETRATO de um oficial fardado que, em 10/12/1958, me apresentou o Sr. Gen. Silveira de Mello, como sendo do coronel, de nome Ricardo Franco de Almeida Serra, falecido em 21/I/1809, para ser analisado em estudo.

De pronto sobressai a tenacidade que o torna homem de princípios e de todo igual, nas suas atitudes e comportamento, consigo mesmo e com os demais. Essa tenacidade é ainda governada por sadia elevação de espírito, de vistos e de propósitos, a serviço dum caráter e duma fibra autênticos, que o tornam homem de esforço e de coerência em tudo, com pessoas e coisas.

Denota ainda muita precaução e cautelosidade, antecipando-se aos problemas com muita frequência, inclusive humanos, donde sua capacidade de estrategista nato, notadamente do ponto de vista psicológico. Sua inteligência se demonstra madura e que só se contenta, quando desce às causas dos problemas, e com sentido crítico pronunciado, especialmente a seu próprio respeito, donde a imparcialidade a toda prova e, decorrente do caráter, o seu apurado senso de dever a qualquer custo, qualquer que seja a circunstância ou vicissitude.

Manifesta também grande capacidade volitiva e de auto-domínio, sendo por isso homem de disciplina, conscientemente mantida e cultivada, jamais admitindo familiaridades e conservando a mesma linha até com os seus íntimos.

Um dos pontos altos é a honestidade consciente, que o torna naturalmente anti-individualista, e o volta todo para o bem público, porém de tal modo ordenado, psicologicamente, que embora disponha de grande auto-confiança, procura contar sempre com o auxílio do Alto e até em vida de família age por dever-de-estado, num cumprimento sempre à risca. Há muita vitalidade orgânica e mental, apurada capacidade de trabalho. Defensor acérrimo das qualidades dalmuita luta interior, grande mérito, auto-didata, equilíbrio e objetividade.

De tudo isto se conclui: um homem que se fez a si mesmo, à custa de muito esforço e muito empenho, e, conscientemente, soube manter uma linha nítida, de realização pessoal, em cuja coerência se manteve sempre, dentro dum sadio padrão de dignidade autêntica, da qual fazia sua constante normativa consigo mes-

+). R. S. refunghi

"CARACTERES ESPIRITUAIS — grande e acentuada fibra espiritual alicerçando seus caracteres morais. Tanto na carta de 1801, como na de 1808 (4), a palavra DEUS, implícita nas abreviaturas, revelam humildade.

"ATRIBUTOS FÍSICOS — grave doença estomacal, como úlcera, ou mesmo câncer, sem perder, porém, seu auto-controle e sua postura militar; fadiga cerebral e depauperamento físico, salientados na carta de 1808.

#### "CONCLUSÕES:

"Personalidade independente, porém, com alto grau de disciplina consciente.

"Inteligência viva, concebendo e executando idéias novas.

"Vontade que medita e age.

"Raros (*incomuns*) caracteres morais por harmonizar tendências de temperamento agreste com o respeito, seja a superiores, seja a inferiores.

"Grande domínio sobre as próprias franquezas físicas, chegando ao holocausto em benefício do serviço.

Rio, 11-XII-59.

#### *CYRO PERDIGÃO DE SOUZA SILVEIRA".*

Eis aí novo laudo sobre a personalidade do Coronel Ricardo Franco, baseado em manuscritos originais saídos de sua pena. O General Cyro Perdigão, autor da análise grafológica, faz trinta anos, se vem dedicando ao estudo da grafologia. Examinou autógrafos de um sem número de pessoas de ambos os sexos, de todas as condições sociais. Colaborou em revistas, dando respostas a consultentes. Viajou pela Europa, tomando conhecimento de firmas e letras autênticas de personalidades antigas e contemporâneas eminentes.

Ao submeter-lhe à análise alguns autógrafos do Coronel Ricardo Franco, de cuja vida não tinha senão ligeira notícia, prometeu-me, a meu pedido, não entraria no conhecimento dos assuntos nêles versados, no sentido de ficar alheio a êles, cuidando exclusivamente dos caracteres literais, grafia de palavras, abreviaturas e sinais, que fazem o objeto da grafologia.

Aí está o laudo da perícia por êle realizada. As suas partes e conclusões cabem com justeza à personalidade do Coronel Ricardo Franco, à semelhança de um modelo no objeto modelado. Fato notável: o General Cyro Perdigão lavrou, ademais, com admirável acerto, o diagnóstico da moléstia que cruciou os derradeiros meses do grande soldado (5); no entanto, os documentos a esse respeito, inéditos e desconhecidos até hoje, que encontrei no "Arquivo Histórico" de Cuiabá, não lhe foram revelados.

(4) Idem, idem, idem.

(5) Idem, idem, idem.

Ainda mais, o General Cyro não ficou sabendo do psicograma do professor Ribeiro da Cunha, nem das pesquisas realizadas para obtenção do retrato. Nada obstante, ver-se-á que o psicograma e a análise grafo-psicológica concordam rigorosamente entre si e com o perfil que elaborei para orientação do desenhista na feitura do retrato. Esse perfil porém, não foi dado a conhecer nem ao autor do psicograma, nem ao grafólogo.

#### CORRÊNCIA DOS RESULTADOS:

I — A análise grafo-psicológica concorda, a um tempo, com os dados informativos sobre a vida e a pessoa do Coronel Ricardo Franco e com o seu perfil psicológico;

II — O psicograma está também, em consonância com os dados informativos e com o perfil psicológico do grande soldado.

Em tais condições, pode-se concluir que psicograma e análise grafológica se aproximam, se ajustam, se identificam e se prestam confirmação reciproca. Tal concordância autoriza, pois, a conferir ao retrato do Coronel Ricardo Franco o máximo grau possível de identificação com a realidade.

# NOSSAS UNIDADES

## 2º GA 75 CAV

### 1. Introdução

O 2º Grupo de Artilharia de 75mm a Cavalo (2º G A 75 Cav) foi criado pelo Aviso Ministerial n. 2.744, de 21 Out 42, e acha-se sediado na cidade de Santiago, RS. Subordinado à 1ª Divisão de Cavalaria, é uma das poucas unidades hipomóveis de Artilharia existentes em nosso Exército. O Grupo está equipado com o material Krupp 75, C 26 e possui ainda uma boa quantidade de cavalos de ração da raça Percheron.

### 2. Síntese histórica

O 2º G A 75 Cav, sob a denominação de I/1º R A D C (Primeiro Grupo do Primeiro Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria), instalou-se na cidade de Santiago, inicialmente na esquina das ruas Vênâncio Aires e Benjamim Constant. A 12 Abr 43, mudou-se para a antiga sede do 1º Batalhão Ferroviário, na região de Vila Nova. Mais tarde (1945), transferiu-se para o seu quartelamento atual, localizado no final da Avenida Duque de Caxias e bastante próximo do centro da cidade (cerca de 700 metros).

A 22 Jun 43 teve início o seu primeiro ano de instrução.

Seu primeiro Comandante foi o Tenente-Coronel Oscar Gomes do Amaral (8 Dez 42 a 24 Abr 44 — 11 Fev 47 a 7 Fev 49). Seguiram-se-lhe, no Comando, os seguintes Oficiais:

Major Henrique Marcos Rabelo de Melo — 24 Abr 44 a 13 Nov 46.  
Tenente-Coronel Agostinho Pereira Alves Filho — 10 Dez 49 a 23 Fev 51.

Tenente-Coronel José Anchieta Paz — 11 Jan 52 a 26 Fev 53.

Tenente-Coronel Josué Favali — 8 Jun 53 a 2 Out 54.

Coronel Lindolfo Ferraz Filho — 13 Jun 55 a 29 Fev 56.

Tenente-Coronel Moacir Gaya — 19 Fev 57 a 25 Out 57.

Tenente-Coronel Odylio de Magalhães — 2 Dez 57 a 24 Agô 60.

Atualmente, o Grupo é Comandado, desde 23 Fev 62, pelo Tenente-Coronel Celso dos Santos Meyer.

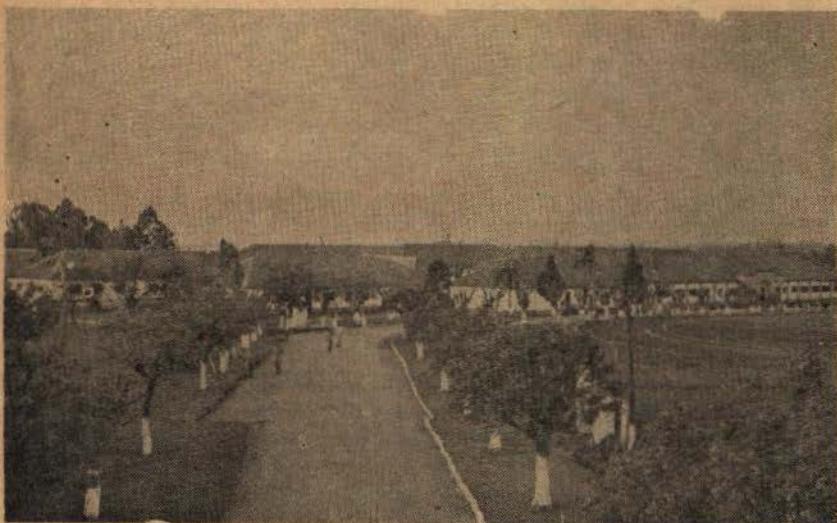
### 3. O Grupo

A Unidade vem, desde a sua criação em (1942), melhorando sempre suas instalações. Dispõe, hoje em dia, de pavilhões amplos e arejados, embora de construção modesta, onde funcionam suas diversas dependências.

cias. Possui três subunidades: BCS, 1ª e 2ª Bia; tem uma boa praça de desportos com campos de futebol, basquetebol e volibol, pista de atletismo, caixas de salto e uma pequena arquibancada e está ultimando sua "carriere".

Em 1960 foi instalada energia elétrica (220 volts — 50 ciclos) em tóda a cidade e também no Grupo; anteriormente, a Unidade era alimentada por usina própria.

Encontra-se em fase final a construção da Barragem de Santiago que irá solucionar um dos maiores problemas locais, o do abastecimento



Alamêda principal do Portão das Armas até o Pavilhão da Administração —  
2º GA 75 Cav — Santiago, RS

de água. Neste particular, o Grupo desfruta posição invejável, pois dispõe do melhor poço artesiano — em qualidade e quantidade de água — da região, tendo a seu cargo o abastecimento de água potável de tódas as famílias de militares da Guarnição.

A par de suas instalações de natureza militar, dispõe ainda o 2º G A 75 Cav de um bom Centro Social com as seguintes atividades: Granja, Horta, Olaria, Lavanderia (toda mecanizada), Lenheira, Carpintaria, Oficina Mecânica, Cantina e Açougue.

A Unidade dispõe de seis (6) casas para oficiais. A casa do Comandante é totalmente mobiliada, dispondo de fogões a lenha e a gás, geladeira, lareira, armários embutidos, garagem etc. As demais casas são parcialmente mobiliadas e exigem um mínimo de móveis por parte do ocupante. O Grupo possui, em seu aquartelamento, instalações para alojar de seis a oito oficiais solteiros, com apreciável conforto.

O Centro Social da Unidade proporciona a seu pessoal uma série de facilidades, destacando-se particularmente o fornecimento, a preços bastante módicos — muito inferiores aos dos grandes centros e mais em conta do que os do comércio local — de carne e verduras sempre frescas.

#### 4. A guarnição

A Guarnição de Santiago é constituída pelas seguintes unidades e órgãos: QG 1<sup>a</sup> D C, 4<sup>º</sup> R C, 2<sup>º</sup> G A Cav, 11<sup>a</sup> Cia Com. DSS (Depósito de Subsistência de Santiago), AR/6, CS/QG 1<sup>a</sup> D C e H Gu S. A Guarnição dispõe também de um Círculo Militar dotado de uma ampla sede, onde se desenvolvem várias atividades sociais; suas instalações desportivas compreendem quadras de basquetebol e de tênis. O Armazém Reembolsável 1/6 (AR/6) proporciona à família militar os alimentos básicos para a sua alimentação. Bem sortido e organizado, atende muito bem aos militares da Guarnição; possui também uma Padaria e todos os seus artigos são de boa qualidade e de preços mais acessíveis do que os do comércio.

O Centro Social do Quartel-General da 1<sup>a</sup> DC (CS/QG 1<sup>a</sup> DC) é uma outra organização de grande utilidade para a Guarnição, porquanto facilita ao seu pessoal militar a aquisição de artigos os mais diversos.

#### 5. A cidade

A cidade de Santiago está localizada a meia distância de Santa Maria e S. Borja e fica a cerca de 500 km de Pôrto Alegre, a uma altitude de aproximadamente 400 m. Possui uma população da ordem de 20.000 habitantes.

Seus habitantes são bastante amistosos e tratam os militares, em geral, com apreciável distinção.

O comércio local é bom. Os gêneros alimentícios básicos são bastante mais baratos que nos grandes centros e são encontrados com relativa facilidade. Existem hotéis com instalações razoavelmente confortáveis. No momento, a cidade possui apenas um cinema; acha-se em construção um outro, bastante grande e que será dotado de instalações modernas.

Existem vários clubes sociais — desportivos e até mesmo um hipódromo, com carreiras dominicais.

A Cidade é ligada por rodovia, ferrovia e avião a diversas outras cidades. Há ônibus e trens diários para Santa Maria e Pôrto Alegre. A VARIG tem uma linha aérea servindo a Santiago às 3<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> feiras e sábados.

O ritmo de vida local é o peculiar a todas as pequenas cidades do Estado. Vida calma e sossegada.

As estações do ano são bem delimitadas e o inverno, algumas vezes, é bem rigoroso, descendo a temperatura a alguns graus abaixo de zero.

# ESTUDO DE SITUAÇÃO NA GUERRA REVOLUCIONÁRIA (1)

## 1. Generalidades

a. A Guerra Revolucionária — processo de desagregação da sociedade democrática, empregado pelos soviéticos para a implantação de sua ditadura materialista — vem confundindo os espíritos das autoridades e conduzindo-as a estimativas erradas. Muitos a consideram um fenômeno espontâneo, consequente ao sofrimento, às provocações e às frustrações das massas populares, que se rebelam ansioso melhor sorte ou reivindicações que consideram justas. Outros embora mais avisados, não lhe atribuem, no entanto, a devida importância, relegando-a a plano secundário. E, há mesmo aquêles que se utilizam das próprias técnicas revolucionárias para satisfazer suas aspirações políticas, arriscando-se num jôgo perigoso, inteiramente ao feitio dos comunistas, e confundindo mais ainda os responsáveis pela manutenção do processo democrático.

Não podemos esquecer, e a experiência tem demonstrado, que a Guerra Revolucionária é inteiramente artificial e pré-fabricada. Oculta, manhosa, sub-reptícia e clandestina, antes de ser posta em execução, é estudada e planejada por técnicos experimentados e perfeitos conhecedores das condições do país em que vai ser desencadeada. Aqui, tiram o máximo partido de tôdas as contradições, antagonismos e antiteses que se formam, e de todos os anseios, discontentamentos e revoltas populares, para assestarem o golpe contra as instituições democráticas. Seu campo e possibilidades são cada vez maiores — é indiscutivelmente uma arma terrível e temível, sobretudo porque age de forma sutil, insidiosa, disfarçada, dissimulada e difícil de ser localizada e combatida. Implantando a indisciplina e a revolta das massas, despertando a luta entre as classes, a desarmonia nas forças armadas, a agitação nos meios estudantis e operários e a inquietação no seio da população, procura a Guerra Revolucionária provocar, habilmente, a desorganização, a incompreensão e a afiarquia em todos os setores da vida nacional.

Vimos, que não é fácil separar completamente a técnica revolucionária comunista de certos aspectos do processo psico-social democrático, inerente a um povo em evolução. Aquela chega a se caracterizar de tal forma que, muitas vêzes, para combatê-la, somos levados a ferir princípios democráticos. Este é o grande problema das autoridades democráticas na defesa contra o comunismo: analisar um determinado fato social de forma a ver nêle, nitidamente separado, o aspecto psico-social da técnica revolucionária — técnica esta de um mimetismo perfeito daquele aspecto e ditada pela organização subversiva na exploração do fato em análise.

---

(1) Nota da Redação — Extraído de uma Nota de Aula da ECCEME.

Conclui-se, portanto, que sómente um Estudo de Situação continuado minucioso é apropriado à natureza da Guerra Revolucionária, poder permitir adequada e oportuna medida contra-revolucionária por parte das autoridades em defesa das instituições democráticas.

b. O momento do Estudo de Situação, prescrito no C 101-5, atende perfeitamente às nossas necessidades na Guerra Revolucionária, se observarmos, naturalmente, as implicações próprias d'este tipo de guerra.

Pelo que vimos anteriormente e considerando ser a população o meio onde o comunismo assenta a estrutura de sua pregação revolucionária, teremos localizado o aspecto mais importante, senão o mais complexo, a destacar no Estudo da Situação. Fatores humanos, políticos, econômicos, geográficos e históricos compõem o quadro psico-social, cujos dados devem ser criteriosa e inteligentemente considerados. Aqui reside efetivamente a importância do Estudo da Situação, pois tódas as medidas contra-revolucionárias (natureza, responsabilidade e oportunidade da aplicação) dependerão da justa compreensão daquele quadro. Caberá à 5<sup>a</sup> Seção papel preponderante, podendo, se necessário, dispor em seus efetivos de especialistas, tais como sociólogos, economistas, psicólogos, estatísticos, etc. Por sua natureza, são múltiplas e profundas as relações com as autoridades e organizações civis.

Enquanto que nas ações da guerra convencional contra o inimigo externo a missão é objetiva, bem definida, aqui, a maioria das vezes, ela é ampla, indefinida. Entre a "manutenção da ordem interna" e a "manutenção da integridade nacional" impostas pela nossa Carta Magna, um número ilimitado de ações (medidas contra-revolucionárias) é deduzido, face a ações revolucionárias, em curso ou em perspectiva. Estas ações deduzidas (preventivas ou repressivas) são de três origens:

- verdadeiras NGA. Ex.: realizar a segurança dos quartéis, ministrar a instrução moral e cívica em todos os períodos de instrução;
- inerentes às fases da Guerra Revolucionária — Ex.: realizar a segurança de pontos sensíveis, realizar ações contraguerrilhas nas regiões A, B...;
- conseqüentes da análise do quadro psico-social (parágrafo 2.a. do Memento de Estudo de Situação). Ex.: contenção de uma greve ferroviária, em organização, visando a impedir o deslocamento de tropas para uma zona conflagrada; segurança pessoal de um cientista, que por sua atuação passou a ser visado pelo "PC".

Aqui, nesta análise, pode-se chegar à conclusão que determinado fato, de natureza psico-social, não tenha implicação comunista, e, neste caso, continuará apenas em observação até sua completa extinção; o normal, no entanto, é identificarmos a técnica revolucionária comunista entranhada em sua estrutura. Mas, nas fases mais adiantadas da Guerra Revolucionária, quando não há mais interesse em dissimular, são encontradas técnicas revolucionárias comunistas, sob forma ostensiva.

Os estudos de situação realizados em operações de guerra convencional estão condicionados a um prazo e a uma região de aplicação das nossas forças, normalmente bem definidos. Se atentarmos que as técnicas da Guerra Revolucionária se realizam de acordo com as oportunidades, podendo ser imediatas ou daqui a 10 anos, e que podem eclodir em qualquer parte do território nacional, veremos que é nos Estudos de Situação, visando a ações contra-revolucionárias, que obteremos o prazo, ou oportunidade, e a região de aplicação dessas ações.

A maioria dos dados necessários ao Estudo de Situação na Guerra Revolucionária, face à duração e extensão desta guerra, deve ser organizada em arquivos e fichários, para oportuna consulta. Deverão ser atualizados, com maior ou melhor freqüência, de acordo com a sua natureza. Esta norma de trabalho proporcionará uniformidade, continuidade e rapidez ao estudo de situação de um determinado QG. Por exemplo, as características da região das operações serão menos freqüentemente atualizadas que as situações econômica e política.

As linhas de ação para o cumprimento das medidas contra-revolucionárias preventivas ou repressivas (ações deduzidas) podem se apresentar sob as mais variadas formas. Como:

- uma só linha de ação — a própria medida contra-revolucionária (é o caso da maioria das medidas preventivas). Ex.: realizar a segurança da Usina Elétrica de Ribeirão das Lajes;
- mais de uma linha de ação (maioria das medidas repressivas). Ex.:
- missão: "manter a integridade nacional no território da 15<sup>a</sup> RM";
- ação deduzida: "liberar a região de GUARA — SALTO, subjugada pelos revolucionários";
- linhas de ação: (duas ou mais LAç com variações na manobra de isolamento e redução da região subjugada).

A amplitude do Estudo de Situação vai depender, naturalmente, do escalão considerado. Quando realizado por um comando misto (unificado, civil-militar, sua amplitude tem que ser muito maior que o realizado por um comando estritamente militar. Enquanto este é um escalaõ mais de execução de medidas específicas e apropriadas, aquêle é um escalaõ do grande planejamento e da determinação da execução das medidas preventivas e repressivas, a cargo das autoridades civis, policiais e militares. Donde se depreende que o Estudo de Situação, visando ao emprego da Fôrça Armada na maioria das vézes, em muito se aproxima do realizado nas operações da guerra convencional. Também se pode concluir ser normal, pelas próprias implicações da Guerra Revolucionária e no interesse da contra-revolução, a formação de comandos mistos, onde a procedênciia dependerá das necessidades e da natureza das medidas contra-revolucionárias. Ex.: Numa área ou subárea de res-

ponsabilidade deverá haver um comando unificado com, no mínimo, os seguintes elementos: Cmt militar e seu EM — Representantes (ou delegados) dos Ministérios da Justiça e do Trabalho — Representantes dos governos estaduais (municipais) da área, etc.

Deve-se atentar que, mais do que nunca, o Estudo de Situação para as ações contra-revolucionárias se baseia num eficiente, profundo e seguro sistema de informações sobre a região, o país e o mundo.

## 2. Estudo de situação

A guisa de orientação e levando em conta as observações anteriormente citadas, apresentaremos o Memento do C 101-5, ressaltando os principais fatores a serem considerados nos exercícios da ECEME sobre a Guerra Revolucionária.

### MEMENTO DO C 101-5

#### “1. MISSÃO

#### 2. SITUAÇÃO E LINHAS DE AÇÃO

##### a. Considerações que afetam as possíveis linhas de ação

- (1) Quadro Geral. Síntese da situação política internacional e no país.
- (2) Características da região de operações
  - (a) Condições meteorológicas

Verificar os fatores que possam ter influência sobre as ações de sabotagem, terrorismo e guerrilhas, bem como aqueles que possam limitar as medidas de combate a tais ações.

Fatores meteorológicos, como grandes chuvas, geadas, sécas, etc., com aspectos de calamidade pública, deverão ser considerados pelas consequências que poderão advir para a ordem pública.

##### (b) Terreno:

— Cobertas e abrigos. Trata-se de considerar todos os pontos da área em estudo que permitam esconderijos para pessoal e material, assim como aqueles que permitem emboscadas.

Dessa forma, as cidades, as serras, as grandes matas, as regiões despovoadas e de difícil acesso, assumem particular importância no estudo.

— Obstáculos. Devem ser considerados aqueles que possam limitar a ações contra-revolucionárias ou facilitar as ações revolucionárias.

— Acidentes capitais. As cidades, os povoados, devem ser encarados como acidentes capitais, uma vez que, como centros políticos, econômicos, culturais, sociais e nós de transportes e comunicações, condicionarão as operações.

Particular destaque deve ser dado à determinação das "Capitais Regionais" pela influência que as mesmas têm sobre uma vasta área e pela necessidade que temos do controle físico e moral de suas populações.

**CAPITAL REGIONAL** — Centro populacional dominante de uma região compreendida por outros agrupamentos humanos ligados por condições psico-sociais idênticas: geográficas, humanas, econômicas, políticas, históricas, etc.

As instalações fabris, as centrais elétricas, as grandes plantações, etc., por sua sensibilidade a atos de sabotagens e terrorismo e por seu valor econômico constituirão também acidentes capitais para as Ações Contra-Revolucionárias.

As rôdes rodo-ferroviárias e suas instalações merecem particular destaque por sua importância e pelos seus pontos críticos (trechos em serras, túneis, entroncamentos, parques, oficinas, etc.).

Da mesma forma, as instalações portuárias e aeroportuárias devem ser encaradas como acidentes capitais.

— Vias de acesso. Encarar todos os acessos aos principais acidentes capitais, aos pontos críticos das rôdes rodo-ferroviárias e às regiões favoráveis a esconderijos (guerrilhas, etc.). Encarar também o desenvolvimento e limitações da rede de estradas.

### (3) Situação econômica. Encarar:

- estrutura econômica da área e suas implicações com a do país;
- principais atividades econômicas (industrial, comercial e agropecuária): em que proporções?;
- nível de vida;
- distribuição da riqueza;
- desniveis econômicos;
- problemas de abastecimento;
- etc.

- (4) Situação política. Dar particular destaque à situação político-militar, particularmente às possibilidades das nossas autoridades e dos chefes do organismo revolucionário, no que concerne ao controle das populações:
- aparelho administrativo;
  - poder judiciário, policial e militar das autoridades em exercício (municipais, estaduais e federais); méritos e deméritos; possibilidades de defesa e reação;
  - permeabilidade ao nucleamento revolucionário;
  - sindicatos, partidos políticos que cooperaram com os revolucionários;
  - partidos de oposição;
  - partidos capazes de fazer alianças;
  - tendências políticas da imprensa, rádio, TV, etc.;
  - líderes locais;
  - tendências políticas das populações;
  - natureza dos partidos e técnicas por eles adotadas para influenciar as massas.
- (5) Situação sociológica. Encarar particularmente:
- atributos característicos da personalidade básica do grupo social (Região, Estado, País);
  - as religiões, seitas, etc.;
  - dados demográficos (taxa de natalidade e mortalidade, taxa de crescimento, pressão demográfica);
  - quistos raciais;
  - tendências das populações quanto aos ideais de vida;
  - estrutura social;
  - distribuição étnica (proporção);
  - atitudes e ideologias;
  - estado sanitário;
  - assistência social;
  - etc.
- (6) Fatores históricos. Estudar:
- Formação histórica, feitos, heróis e tradições regionais (Estado, País).
- (7) Situação do inimigo:
- (a) Dispositivo. Considerar não só o dispositivo dos elementos porventura existentes (guerrilheiros, sabedores, terroristas, etc.), mas também, da estrutura

revolucionária, incluindo a do Partido Comunista e de seus órgãos auxiliares e de outras organizações que, direta ou indiretamente, concorram para a causa revolucionária.

- (b) Composição. Todos os elementos capazes de compor o quadro revolucionário devem ser estudados, tais como:

- elementos filiados ou não a partidos políticos ou infiltrados em todas as classes sociais;
- servidores públicos e autoridades locais com idéias revolucionárias ou cujas reivindicações possam ser aproveitadas pelos agentes subversivos;
- elementos das Forças Armadas e das organizações policiais comprometidos ou que possam ser envolvidos pela ação revolucionária;
- representantes de países interessados na subversão interna;
- organizações sindicais, sociais, recreativas, esportivas, de assistência, etc., que possam cooperar com os revolucionários;
- organizações comerciais, fabris, etc., que, por ambição de lucro, por intimidação ou por acórdos, possam auxiliar a revolução;

- (c) Valor. Relacionar os elementos (e suas especializações — cursos) já empenhados em ações revolucionárias. Esses elementos podem ser: sabotadores, guerrilheiros, agentes subversivos (de todas as classes e grupos sociais), órgãos de classe, etc.

Os órgãos de difusão (falada, escrita e televisada), favoráveis ou controlados pelos revolucionários são também aqui considerados.

O moral, expresso pela "vontade de lutar "ou" os motivos para a luta", tem para os revolucionários valor extraordinário, independente do valor dos meios.

- (d) Reforços. Esses reforços, nacionais ou estrangeiros, podem intervir na luta sob várias formas: política, econômica, financeira e militar (pessoal e material). Especificá-los, inclusive, se fôr possível, em proveito do qual elemento da tropa empenhada e sob que condições (onde, quando, como?) serão empregados.

Exemplos:

- Contribuições angariadas em campanhas financeiras.
  - Armamentos, munições e materiais desviados das Fôrças Armadas, de organizações policiais e de estabelecimentos de indústria bélica.
  - Depósitos clandestinos.
  - Recursos em dinheiro e quadros dirigentes vindos do exterior.
  - Pessoal vindo de outros países, regular ou irregularmente (embaixadas, representações, infiltrações pelas fronteiras ou pela costa, etc.).
  - Suprimento de material bélico e de comunicações entrado no país clandestinamente.
  - Declarações do país estrangeiro em apoio à "causa revolucionária".
- (e) Instrução. Determinação de Escolas e Cursos clandestinos na região e no país. Registro de elementos especializados em cursos nos países comunistas.  
Grau de adestramento de ativistas, sabotadores, guerrilheiros, etc.
- (f) Atividades importantes. O estudo das atividades revolucionárias, não só no que tange às suas fôrças militares ou de guerrilheiros, mas de suas atividades políticas, econômicas e psicológicas, deve ser feito para a determinação de suas técnicas e dos efeitos que as mesmas vêm produzindo.
- (g) Peculiaridades e deficiências.
- Pessoal:  
Além do levantamento de seus efetivos, um exame cuidadoso dos quadros revolucionários deve ser feito, particularmente tendo em vista a determinação das peculiaridades e deficiências dos chefes componentes das unidades de guerrilhas e dos sabotadores e terroristas.
  - Informações:  
Como funciona o Sistema de Informações dos revolucionários? Sua base reside nas populações locais que agem por simpatia à causa ou por intimidação Outros elementos podem pertencer ao Sistema, tais como: funcionários do governo, membros das Fôrças Armadas, estrangeiros (a serviço ou não no país),

etc. Assim sendo, todo o esforço deve ser feito para a determinação do funcionamento de tal sistema para que sejam determinadas as suas peculiaridades e deficiências.

— Operações:

O estudo das técnicas e táticas empregadas pelos revolucionários, particularmente por guerrilheiros e terroristas, merecem particular destaque. Deve-se procurar, também, determinar a participação das populações locais nestas operações.

— Logística:

O apoio logístico dos revolucionários tem como base a exploração dos recursos locais, e, em alguns casos, o auxílio externo; dessa forma, todo o esforço deve ser feito na determinação dessas fontes, inclusive no seio das populações.

— Personalidades:

A determinação das qualidades e deficiências das principais personalidades revolucionárias e simpatizantes é de capital importância.

(8) Nossa Situação:

- (a) Dispositivo. Além do dispositivo das Forças Armadas existentes na área, devemos considerar o dispositivo das organizações policiais (estaduais, municipais, federais), bem como de entidades civis que estejam em condições de apoiar as ações contra-revolucionárias.
- (b) Composição. Todos os meios capazes de tomar parte nas ações devem ser considerados:
  - fôrças militares (Exército — FAB — Marinha — Polícia — Bombeiros);
  - autoridades civis;
  - polícias civis;
  - associações de classe, culturais, esportivas, religiosas, etc.;
  - partidos políticos;
  - etc.
- (c) Valor. Para completa avaliação do valor das fôrças de combate à revolução é necessário considerar o apoio que as mesmas possam receber da população e a "vontade de lutar" que possuem. Neste tipo de

Guerra, a avaliação da "vontade de lutar" é fundamental na determinação do valor das nossas tropas, se considerarmos o espírito de tolerância e boa-fé do brasileiro, a par da situação pouco clara de que se revestem as operações dos revolucionários. Não basta saber que temos um Batalhão da Polícia Estadual à nossa disposição; temos de saber se o mesmo não está infiltrado e se está realmente disposto a lutar contra os revolucionários, sem considerações de qualquer natureza.

- (d) Reforços. Da mesma forma, aqui, devemos considerar todos os elementos, que, se necessário, passam ser mobilizados para a ação (preyentiva e repressiva): polícias militares e civis, bombeiros, etc. Incluir, também, outros elementos (tropas) que possam ser movimentados para nossa área.
- (e) Logística. Encarar:
- suprimentos existentes nas unidades e depósitos em geral;
  - possibilidades dos órgãos fornecedores;
  - possibilidades dos recursos locais;
  - suprimentos provenientes de outras áreas do país;
  - possibilidades do suprimento aéreo, se necessário;
  - possibilidades dos transportes (tropa e suprimento) militares;
  - levantamento dos transportes rodó e ferroviário civis;
  - meios de evacuação e hospitalização civis e militares; disponibilidades e possibilidades;
  - segurança das áreas e locais de suprimento e dos transportes;
  - processos de apoio logístico, em geral, adotados na Região;
  - apoio do escalão superior, no caso da realização de operações militares;
  - etc.
- (f) Assuntos civis. As possibilidades do controle da população local (aparelho administrativo, poder judiciário, policial, etc.) pelas autoridades em exercício (ou que tenham estado em exercício), devem ser analisadas para determinação do seus méritos e deméritos. A organização e as possibilidades de colaboração e arregimentação dos sindicatos, partidos políticos, as-

sociações religiosas, imprensa, rádio, etc., devem ser estudadas minuciosamente. Estudar medidas visando ao pleno funcionamento da vida civil, tais como: transporte, energia elétrica, comércio, saúde pública, etc.

Deve ser feito um levantamento completo dos líderes locais e dos conhecedores da região (vaqueiros) capazes de cooperar com as forças legais; trata-se de medida indispensável para a conduta das ações.

(g) Atividades importantes. Devemos verificar todas as atividades civis e militares empregadas no combate à revolução e determinar os efeitos por elas alcançados.

(h) Peculiaridades e deficiências:

— Pessoal:

Além do pessoal militar, devem ser consideradas as autoridades civis e feita uma cuidadosa análise de seus méritos e deméritos.

— Informações:

Devem abranger três aspectos básicos:

- informações políticas;
- informações militares;
- informações criminais.

A tarefa neste campo é mais vasta e complexa que numa guerra convencional. Uma variedade de órgãos e serviços deve ser empregada nos trabalhos de busca. Os elementos de busca vão desde os agentes especiais até o simples soldado.

— Instrução:

O grau de instrução da tropa deve ser avaliado por sua capacidade de:

- adaptar-se a situações novas e imprevistas;
- utilizar os recursos locais;
- operar independentemente e por sua iniciativa. O próprio soldado deve ser instruído para atuar isoladamente;
- adaptar-se aos tipos mais variados de terreno;
- obter a cooperação da população;
- superar as deficiências do apoio logístico;
- etc.

**— Moral:**

Destaque especial deve ser dado a este fator, particularmente em se tratando de guerra revolucionária. Entre outros aspectos, o moral da tropa deve ser avaliado pelo grau de confiança que os homens têm na causa que defendem, nos chefes, na organização, no material e, sobretudo, pela capacidade de resistir à pressão terrível das técnicas psicológicas empregadas pela guerra revolucionária.

**— Operações:**

Um estudo interpretativo dos resultados alcançados pelas operações em curso ou anteriores, na Área, deverá ser feito para orientar as operações futuras.

Particular destaque deve ser dado a erros cometidos, principalmente nos que se relacionam ao tratamento dispensado às populações locais que possam ter provocado desconfianças e ressentimentos quanto às Fôrças Legais.

**b. Possibilidades do inimigo**

Devemos determinar as possibilidades da organização revolucionária de criar um clima revolucionário. Para isto, verificar as possibilidades de:

- sua propaganda;
- aproveitamento de crises econômicas, sociais, militares e das lutas políticas, religiosas, etc.;
- incitamento a greves, distúrbios, tumultos, etc.;
- infiltrações nos organismos do Estado, nas Fôrças Armadas e nos quadros da sociedade em geral;
- pressões em favor de reformas sociais, geralmente justas, que possam contar com o apoio popular para gerar dificuldades e crises políticas;
- atos de sabotagens e terrorismo.

Uma vez criado o clima revolucionário, verificar as possibilidades de:

- revolta de unidades militares;
- operações militares normais (das fôrças Pseudo-Regulares).

**c. Nossas Linhas de Ação**

O planejamento das ações militares, deve ser estabelecido em perfeita harmonia com a ação político-administrativa. Assim sendo, no estabelecimento de Linhas de Ação, não deve ser esquecido que

a Guerra Revolucionária é, na sua base, um problema de propaganda e administração, ligando-se mais ao político e social do que aos aspectos puramente militares. Para êxito das operações militares, é necessário mobilizar a população, dentro da ordem legal e dos ideais democráticos, para que ela se defenda por si mesma, tenha confiança nas forças da ordem e apóie estas forças. Normalmente, constituem-se numa só Linha de Ação as seguintes ações:

- estabelecer um sistema de informações, de contra-informações, de propaganda e de contrapropaganda;
- estabelecer um sistema preventivo de vigilância, controle e guarda dos pontos sensíveis da área;
- estabelecer um sistema repressivo flexível capaz de atuar com energia e oportunidade para debelar e desarticular qualquer tentativa de perturbação da ordem;
- estabelecer um sistema capaz de assegurar o controle físico e moral das populações;
- realizar medidas concernentes às relações das autoridades civis e militares.

Para eficiência destas ações, a área deverá ser dividida de forma a assegurar um completo controle sobre as populações e a necessária distribuição de responsabilidades (quadriculagem do francês).

A área e suas subdivisões deverão estar sob um comando único (civil-militar). Caso não seja possível o estabelecimento de um comando desta natureza, em virtude da estrutura do país e conveniências políticas, deverão ser previstas medidas capazes de assegurar uma completa harmonia entre as autoridades civis e militares.

### 3. ANALISE DAS LINHAS DE AÇÃO OPOSTAS

Esta análise nos propicia a determinação dos fatores preponderantes que só se tornarão evidentes no estudo de um caso específico. Todavia, de uma maneira geral, para o caso de uma situação de Guerra Revolucionária, além dos fatores clássicos (terreno, dispositivo do inimigo, possibilidades do inimigo e nosso dispositivo), merecem particular destaque os seguintes:

- capacidade da conquista (ou reconquista) do apoio popular;
- possibilidades de desmoralizar a administração revolucionária e particularmente as tropas não atacadas (efeito moral sobre a população);
- possibilidades de motivar as tropas legais (vontade de lutar);
- capacidade de isolamento da área conflagrada;

- permitir ação direta dos comandos e presença de tropas legais para assegurar a proteção das populações e restabelecer o prestígio das autoridades;
- disponibilidades de comandos e de fôrças;
- rapidez no acionamento dos meios;
- articulação com o sistema de transportes;
- consolidação da ordem e pacificação da área.

#### 4. COMPARAÇÃO DAS NOSSAS LINHAS DE AÇÃO

Uma vez determinados os fatores preponderantes, nada nos resta do que seguir o método para determinação da melhor linha de ação (no caso de mais de uma linha de ação).

#### 5. DECISÃO

Tratando-se de comando unificado, deverá definir de maneira clara e concisa o que vai ser feito em conjunto (ação administrativa, judicial, policial ou militar). Tratando-se de um comando militar, no cumprimento de uma missão específica, deverá definir o que a unidade vai fazer.

No caso de comando unificado, a decisão poderá comportar uma primeira parte estabelecendo medidas para o acionamento do sistema político-administrativo da área. Esta parte assume particular importância, enquanto não fôr delegado ao comando militar e comando civil. Consegue-se, desta forma, definir de maneira clara e precisa as responsabilidades e estabelecer as medidas necessárias para conjugação de esforços e cooperação, no campo civil e militar.

*Obs.* — Deve-se ressaltar mais uma vez que o comando unificado é a forma mais eficiente para o combate à Guerra Revolucionária; no entanto, por imposições políticas e estruturais do Estado Brasileiro, pode acontecer que não seja dado à autoridade militar todos os poderes na área."

#### 3. Conclusões

O processo completo comporta um estudo pormenorizado de todas as Seções do EM; assim teremos:

- um Estudo de Situação do E/1 — PESSOAL;
- um Estudo de Situação do E/2 — INFORMAÇÕES;
- um Estudo de Situação do E/3 — OPERAÇÕES;
- um Estudo de Situação do E/4 — LOGÍSTICA;
- um Estudo de Situação do E/5 — ASSUNTOS CIVIS/GOVERNO MILITAR.

# UMA COMPANHIA DE FUZILEIROS NUMA OPERAÇÃO AEROTRANSPORTADA (1)

Coronel A. TSVYETKOV, do Exército Soviético

Uma companhia de fuzileiros, aerotransportada, pode desempenhar uma série de missões de combate em apoio da unidade superior ou de outras unidades da frente. Por exemplo, é capaz de conquistar objetivos importantes no interior do dispositivo inimigo (pontes, elevações dominantes, entroncamentos), ou destruir postos de comando, colunas isoladas e depósitos de suprimento.

Uma companhia de fuzileiros, como parte de uma força de desembarque aeroterrestre, pode receber uma das seguintes missões: evitar o movimento das reservas do inimigo para a principal zona de combate; conquistar e destruir material ou posições defensivas do inimigo; cobrir a zona de reunião das outras unidades aeroterrestres.

Tendo recebido sua missão, o comandante da companhia faz seu estudo de situação e toma sua decisão. O processo de chegar a uma decisão em operações de combate atrás das linhas do inimigo, tem suas peculiaridades. De fato, o comandante da companhia precisa tomar duas decisões ao mesmo tempo: uma referente à fase aeroterrestre de sua missão (previsões quanto ao pessoal, armamento, equipamento, munições, carga dos helicópteros e transporte), e a outra sobre a tática a empregar-se durante a operação de desembarque e nas ações posteriores.

Geralmente as decisões são tomadas com o auxílio de uma carta (ou de um modelo do terreno especialmente construído) e baseiam-se em informações sobre o inimigo extremamente reduzidas. A falta dessas informações normalmente obriga o comandante a adiar muitos pormenores táticos de sua decisão para depois do desembarque.

---

(1) N da R — Transcrição do número de Nov 61 da Edição Brasileira da Military Review.

Em sua decisão inicial o comandante fixa vários elementos: o objetivo contra o qual empregará suas fôrças principais; organização das formações de combate, determinação das missões para os pelotões e distribuição de armamento e equipamento; tipo de manobra a empregar durante a operação; plano de comunicações e a coordenação tanto no âmbito de companhia quanto com as unidades vizinhas.

Suponhamos (com auxílio da figura) que uma companhia de fuzileiros, reforçada por cinco canhões sem recuo, um pelotão de morteiros e duas seções de engenharia, recebeu a seguinte missão: Desembarcar de helicópteros na região um quilômetro a leste da colina 192,4 e destruir uma coluna de artilharia inimiga que se desloca na estrada Alfa-Bravo.

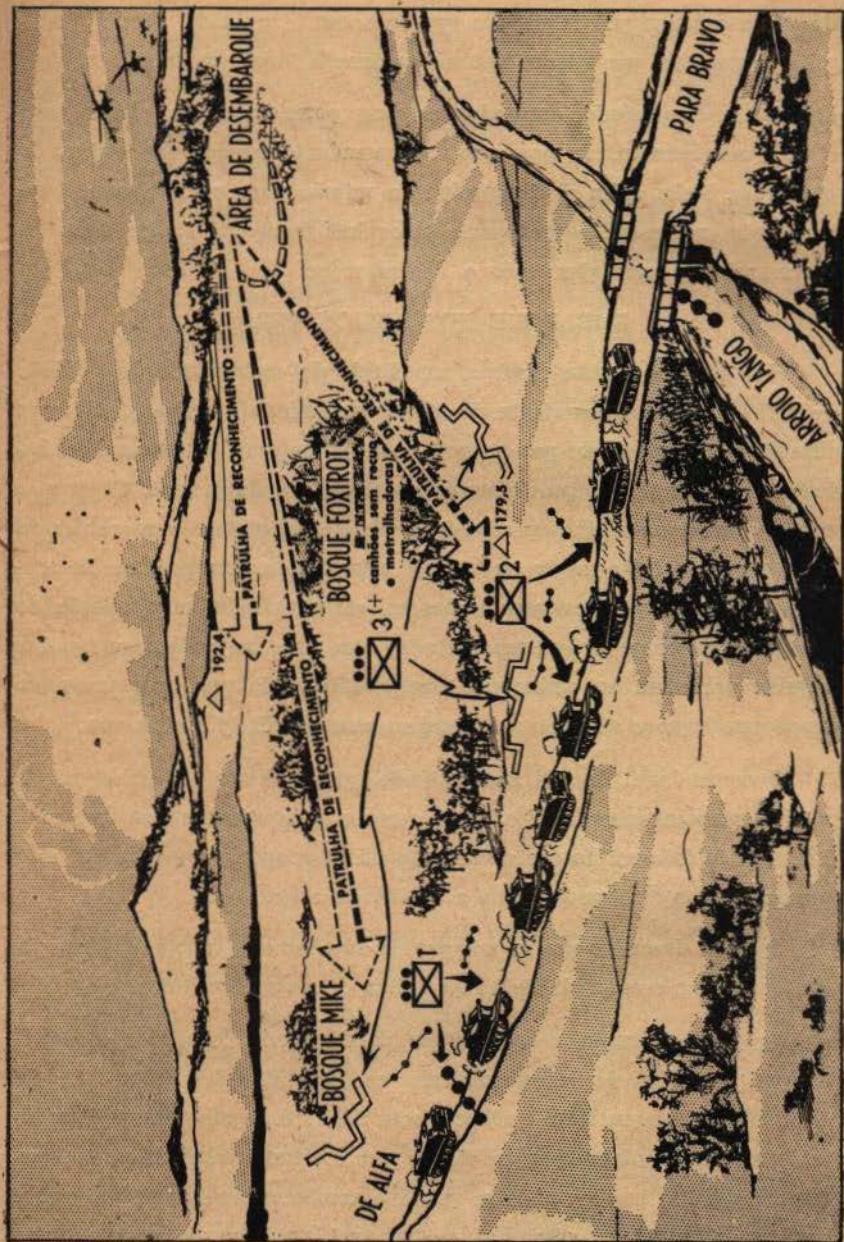
Tendo estudado sua missão e a situação tática, o comandante da companhia decide que será mais vantajoso destruir a coluna inimiga no momento em que essa se aproximar da ponte sobre o riacho Tango. Portanto, a organização para o combate da Cia atenderá a essa finalidade.

Seria também conveniente que duas seções do 3º Pel, três canhões sem recuo e as metralhadoras da Cia ocupassem posição nas orlas oeste do Bosque Mike, a sudoeste do Bosque Foxtrot e nas encostas da colina 179,5. Deste modo, todos poderiam abrir fogo simultaneamente contra a coluna inimiga.

#### EMPRÉGO DO GROSSO

O grosso da Cia, (constituído pelo 1º e 2º Pel, cada um reforçado por um canhão sem recuo e quatro engenheiros) será empregado para captura e destruição dos canhões e tratores. A fim de assegurar a derrota da coluna inimiga, será necessário colocar em sua rota minas de controle remoto. Também será preciso se proceder a colocação de minas na frente das posições dos elementos da Cia para dificultar a ação dos transportes blindados do inimigo.

A segurança do dispositivo será feita mediante o fogo simultâneo de todas as armas sobre a coluna inimiga. O dispositivo conta com meios suficientes para cumprir a missão e seu único ponto fraco é o flanco



direito que não conta com cobertura suficiente; no entanto, o comandante da Cia coordenou prèviamente a operação com a unidade vizinha da direita, a qual tem por missão destruir as demais fôrças da coluna inimiga.

Tendo completado, em todos os seus pormenores, os planos para a fase aeroterrestre da operação, o comandante expede sua ordem de operações. Nela, além de determinar a missão para cada elemento subordinado, prescreve o transporte pelos helicópteros e indica como se processarão as operações apôs o desembarque.

#### EMBARQUE NOS HELICÓPTEROS

Na zona de partida e sob a orientação do comandante da unidade de helicópteros, o comandante da companhia ordena o embarque de seus elementos subordinados, por grupos, nos helicópteros (o número do helicóptero foi indicado, prèviamente, a cada chefe de grupo). Os grupos entram em forma a cinco passos da cauda do helicóptero e os chefes de cada grupo (pelotão, seção ou turma) informam ao comandante do aparelho que estão prontos para embarcar, entregando-lhe uma relação do pessoal e da carga a ser transportada, com seus respectivos pesos. Em seguida procedem ao embarque, assegurando-se de que cada individuo ocupe seu lugar e obedeça aos regulamentos de disciplina de vôo.

O comandante da Cia superintende, pessoalmente, o embarque de seus elementos subordinados, bem como o das armas e de más carga. Em seguida informa ao comandante do escalão superior que sua Cia está pronta para o transporte para a região de operações.

Após o desembarque, a companhia rapidamente adota a formação conveniente, e sem perda de tempo inicia o cumprimento de sua missão.

No nosso exemplo, o comandante da Cia envia, logo apôs o desembarque, patrulha de reconhecimento em três direções: sobre a cota 192,4 sobre o Bosque Mike e sobre a cota 179,5. A escolha dessas direções está justificada não só porque são as que conduzem rapidamente as patrulhas para as regiões onde se prevê o combate como também porque cortam os principais caminhos de possível manobra da coluna. Cada uma das patrulhas pode ser facilmente desviada, a qualquer momento, para proteger os flancos expostos da Cia.

### MISSÕES DOS PELOTÕES

O comandante da Cia, em seguida, envia um pelotão com os engenheiros para colocar minas na estrada pela qual segue a coluna inimiga. Esse pelotão também coloca minas para proteger as posições designadas para os demais pelotões.

Depois de algum tempo, o grosso da Cia inicia seu movimento em coluna de pelotões. O comandante mantém contínuo contacto com seu chefe imediato e suas patrulhas; à medida que avança vai expedindo ordens mais precisas aos elementos subordinados. Agora já está informado que a artilharia inimiga está marchando em coluna de pelotões, precedidos e seguidos por infantaria em veículos blindados; portanto, expede ordens mais específicas: o 1º Pel ocupará a macega a 150m ao sul do Bosque Mike e atacará as peças de artilharia da cauda da coluna; o 2º Pel se deslocará para a encosta oeste da cota 179,5 e atacará os canhões da testa da coluna; o 3º Pel (menos uma seção), com os canhões sem recuo e as metralhadoras da Cia, deverá destruir os canhões e a infantaria blindada do centro da coluna; os engenheiros deverão instalar campos de minas de controle remoto na estrada e na frente das posições ocupadas pelos elementos da Cia; o posto de observação e a reserva (1 seção do 3º Pel) se estabelecerão atrás da posição do 2º Pel.

### REAJUSTAMENTO DAS MISSÕES

O reajustamento das missões dos subordinados foi necessário porque o inimigo dispersou os canhões ao longo da coluna e a enquadrou com infantaria blindada. As alterações no dispositivo proporcionarão a máxima eficácia do fogo contra a coluna e o ataque simultâneo contra os canhões.

Os sapadores, protegidos pelas patrulhas de reconhecimento, colocaram as minas na estrada e na ponte do riacho Tango. Enquanto isso, o 3º Pel com as metralhadoras e os canhões sem recuo, ocupou posição e protege a oportuna partida do 1º e 2º Pel para suas posições de ataque.

O comandante da Cia se desloca para uma região atrás do 2º Pel. Ai, após verificar a informação sobre o dispositivo da coluna inimiga, dá o sinal para abrir fogo e detonar as minas.

O 3º Pel, os canhões sem recuo, as metralhadoras e os morteiros concentram seu fogo sobre as viaturas inimigas.

#### INÍCIO DO ATAQUE

O 1º e 2º Pel iniciam o ataque. Combatendo com valor e determinação, aniquilam a infantaria no interior das viaturas blindadas e as guarnições dos canhões, permitindo assim que os sapadores destruam os canhões e a munição. Durante o ataque, os meios de comunicações do inimigo foram destruídos, para impedir que possa chamar as suas reservas mais próximas.

O comandante da Cia dirige pessoalmente suas forças principais. Sob suas ordens, elas destroem as viaturas inimigas que constituem um obstáculo para o cumprimento de sua missão (destruição dos canhões e da munição). Emprega a reserva como reforço de suas unidades; por exemplo, ao notar que parte dos metralhadores inimigos apíaram e procuram abrigar-se na valeta da estrada, ordena concentrar sobre êles o fogo dos morteiros. Se o 2º Pel fôr moroso em destruir os canhões da vanguarda, êle ordena à reserva (uma seção do 3º Pel, com as metralhadoras da Cia) que o apoie.

Tendo cumprido sua missão, a um sinal do Cmt da Cia, o 1º e 2º Pel iniciam seu movimento para a zona de reunião; seguem-nos as demais unidades, cobrindo-se com seu próprio fogo. Na região matosa a leste do Bosque Mike podem ser deixadas duas seções de emboscada a fim de repelir a perseguição porventura realizada pelo inimigo.

#### NA ZONA DE REUNIÃO

Na zona de reunião a companhia de fuzileiros ocupa uma posição de defesa em perímetro. Neste local, já se havendo reunido ao grosso da força de desembarque, a companhia atua sob as ordens do comandante do escalão superior.

Conforme foi aqui demonstrado, uma companhia de fuzileiros aeroterrestre é capaz de desempenhar uma grande variedade de missões. A finalidade e a natureza da missão dependerão de diversos fatores: importância do objetivo, efetivo do inimigo, capacidade das armas orgânicas da companhia, seus esforços, o terreno, e muitas outras circunstâncias.

No exemplo apresentado, uma Cia Aeroterrestre destrói uma coluna de artilharia em marcha. Uma ação desta natureza se presta principalmente para a conquista e destruição de objetivos isolados na retaguarda do inimigo. A ação se desenvolve no quadro de uma operação aeroterrestre de grande envergadura.

## **ENGENHARIA DE TELECOMUNICAÇÕES**

A ENTEL S.A. é uma empresa independente e autônoma, formada por capitais nacionais, cujo corpo técnico se constitui de especialistas de renome no Brasil e no estrangeiro.

**OBJETO:** "... as atividades relacionadas com engenharia de telecomunicações em geral, incluindo o estudo, o planejamento, a instalação, a manutenção e a fiscalização de equipamentos, circuitos, redes e sistemas de telecomunicações para quaisquer fins, inclusive de difusão, por conta própria ou de terceiros, sendo-lhe expressamente vedada a exploração de serviços públicos de qualquer natureza, ou a fabricação de equipamentos.

A empresa tem como Diretor-Presidente o Sr. LUIZ ZENHA GUIMARÃES, nome conhecido por sua probidade em todo o Brasil; como Diretor-Gerente o Dr. VASCO DE VINCENZI SECCO, desde há muito ligado aos assuntos de telecomunicações e como Diretor-Técnico o Engenheiro HERVÉ B. PEDROSA, oficial da reserva de alto prestígio nos meios militares, especializado nos EUA e que pôs em prática seus conhecimentos no ramo nos campos da Itália, onde combateu e cooperou para nossa vitória.

A ENTEL S.A. conta ainda com a colaboração de diversos engenheiros civis e militares, especializados em eletrônica e comunicações, sendo suas instalações constantemente visitadas por todos aqueles que se interessam pelo assunto, inclusive delegações estrangeiras.

A ENTEL S.A. está em condições de prestar seus serviços não só às empresas que exercem suas atividades principais nos diversos setores da engenharia de telecomunicações, como também aos usuários das facilidades proporcionadas pelas telecomunicações.

Especializamo-nos em :

- análise e pesquisas, planos e medidas, projetos e anteprojetos, construção, organização e administração de Rêdes e SISTEMAS DE TELECOMUNICAÇÕES ;
- planejamento e instalações de :
  - estações, fixas e móveis, terrestres, marítimas e aéreas ;
  - circuitos físicos e rádio ;
  - telecomando, telemetria, telefonia, telegrafia, telex, fac-simili, televisão, radiodifusão e transmissão de dados ;
- ainda :
  - estudos relativos à construção e articulação de tráfego ;
  - orientação, inspeções, relatórios e pareceres técnicos ;
  - elaboração de planos financeiros e orçamentos específicos ou comparativos ;
  - programação de instrução técnica e de manutenção.



# A PANAIR NA AMAZÔNIA

Há mais de 30 anos que a PANAIR DO BRASIL S.A. serve à população amazônica levando seus aviões através da selva e proporcionando aos desbravadores da região o conforto necessário.

Ser piloto na Amazônia é, praticamente, o primeiro estágio que a PANAIR exige de seus colaboradores, daí ser comum encontrar-se dirigindo os "Catalinas", que acompanham o Grande Rio e seus afluentes, jovens brasileiros de todos os Estados da União.

As linhas da PANAIR na Amazônia visam mais ao bem estar das populações ribeirinhas que, propriamente, lucro para a empresa.

Hoje em dia, quem quiser, por exemplo, ir do Rio a Cucuí, no limite com a Venezuela ou a Tabatinga, no limite com o Peru, basta tomar um Caravela da PANAIR do Rio até Manaus e aí fazer o transbordo para um Catalina, alcançando aquelas longínquas localidades em poucas horas.

A PANAIR, que foi a desbravadora da região, é hoje a mais eficiente empresa dos céus amazônicos servindo às seguintes linhas:

R O T A S	K M
BELÉM — ALTAMIRA — SANTARÉM — ÓBIDOS — PARINTINS — MAUÉS — ITACOATIARA — MANAUS .....	2.810
BELÉM — CURRALINHO — PORTEL — GURUPÁ — MONTE ALEGRE — SANTARÉM — ÓBIDOS — PARINTINS — MAUÉS — MANAUS .....	2.776
BELÉM — ALTAMIRA — MONTE ALEGRE — SANTARÉM — TAPAIUNA — ORIXIMINÁ — VILA BATISTA — ITACOATIARA — MANAUS .....	3.238
MANAUS — BORBA — FOZ DO ARIPUANA — MANICORÉ — HUMAITÁ — PORTO VELHO .....	1.668
MANAUS — MANICORÉ — PÔRTO VELHO — GUAJARÁ-MIRIM — RIO BRANCO (DC-3)	5.352
MANAUS — CANUTAMA — LÁBREA — BÓCA DO ACRE — RIO BRANCO .....	2.374
MANAUS — CARVOEIRO — BARCELOS — TAPURUQUARA — GAUPES — İÇANA — CUCUÍ — İÇANA — UAUPÉS — TARACUA — LAURETÉ — TARACUÁ — GAUPES — TAPURUQUARA — BARCELOS — CARVOEIRO — MANAUS .....	1.269
MANAUS — CAROVEIRO — BARCELOS — TAPURUQUARA — UAUPÉS .....	883
MANAUS — MANACAPURU — ANORI — COADAJAZ — CAMARA — COARI — TEFÉ .....	1.100
MANAUS — TEFÉ — CARAGUARI — EIRUNEPÉ — CRUZEIRO DO SUL .....	3.060
MANAUS — TEFÉ — FONTE BOA — PÔRTO AFONSO — SANTO ANTÔNIO DO İÇÁ — SÃO PAULO DE OLIVENÇA — BENJAMIN CONSTANT .....	4.860
BENJAMIN CONSTANT — LETÍCIA — IQUITOS (INTERNACIONAL) .....	1.656

8

Em 1962, entre outros artigos, você leu na A DEFESA NACIONAL:

- **A ferrovia na logística nacional dos transportes** (Jan/Fev)  
Gen Aurélio de Lyra Tavares
- **Idéias sobre a seleção do pessoal militar** (Mar/Abr)  
Ten-Cel Ferdinando de Carvalho
- **A luta pelo Nordeste e a estratégia da SUDENE** (Mai/Jun)  
Celso Furtado
- **Urge um programa atualizado para o Exército** (Mai/Jun)  
Ten-Cel Leonidas Pires Gonçalves
- **Guerra Insurrecional** (Jul/Agô)  
Ten-Cel João Perboyre de Vasconcelos Ferreira
- **Brado de alerta** (Set/Out)  
Cel A. J. Paula Couto
- **Operações nas selvas** (Set/Out)  
Maj Moraes Rego
- **As Forças Armadas e as aspirações reformistas do povo brasileiro** (Nov)  
Ten-Cel Octavio Pereira da Costa
- **Reflexões Militares** (Dez)  
Cel Campos de Aragão
- **Síntese sobre a formação das nacionalidades sul-americanas** (Dez)  
Cel Newton Reis
- **QUAL A SUA CRÍTICA ?**
- **QUAL A SUA SUGESTÃO ?**
- **JÁ NOS ENVIOU A SUA COLABORAÇÃO ?**



## **LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO**

Estudo geográfico-militar do Rio Grande do Sul, quanto aos fatores fisiográficos, psico-social e econômico.

**Ten-Cel Dárcy Alvares Noll**

**Maj Estelio Teles Pires Dantas**





**Preço do exemplar**  
**Cr\$ 80,00**

SMG  
IMPRENSA DO EXÉRCITO  
RIO DE JANEIRO — 1963